

SANDRA ALVES DA SILVA

**A “GRAMATIQUINHA” DE MÁRIO DE ANDRADE: UMA LEITURA
HISTORIOGRÁFICA**

LÍNGUA PORTUGUESA

PUC-SP

SÃO PAULO

2007

SANDRA ALVES DA SILVA

A “GRAMATIQUINHA” DE MÁRIO DE ANDRADE: UMA LEITURA HISTORIOGRÁFICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de **MESTRE** em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora **Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos**.

PUC-SP

SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total desta dissertação por processos de foto copiadoras ou eletrônicos

Assinatura:

Local e Data

In memoriam:

Dedico esta dissertação aos meus avós paternos e maternos, ao meu tio Dirceu e a minha tia Francisca e a amiga Jacira Santos Andrade.

Em especial:

Ao irmão José Carlos Vitorino pela dedicação apoio moral, sempre, e pelos serviços de Informática

À Professora Doutora Neusa Maria O. B. Bastos, minha professora da graduação e orientadora de mestrado, pela orientação, paciência, seriedade e dedicação. Se em alguns momentos eu quis fraquejar ela me amparou

AGRADECIMENTOS

A Deus, ser superior, razão de minha existência.

A meus pais, Benedito e Vicentina, amores de minha vida.

Ao Professor Mestre Roberto Melo Mesquita por presentear-me com o livro que foi corpus de minha pesquisa.

Aos professores do Programa de Língua Portuguesa: Jarbas Vargas, Leonor Lopes Fávero, Regina Célia Pagliuchi da Silveira, Jeni Silva Turazza, Dieli Vesaro Palma e Luiz Antônio Ferreira.

Aos meus amigos da PUC-SP pelo incentivo: Ronaldo Martins, Marilu, Inácio, Julio Neves, Tânia, Lourdes, Carlos Casanova, Nancy Arakaki, Marilena, Maria José, Margarida, Miguel e todos os outros cujos nomes não me vêm à lembrança.

A senhora Maria Helena Oliveira de Souza, meu guia espiritual;

A amiga e fisioterapeuta Kátia.

As minhas primas Haidê, Cecília e Suely, pela acolhida e por acreditarem em mim.

Aos meus queridos sobrinhos Danilo e Daniele

As professoras doutoras Nancy Casagrande e Regina Sellan pela revisão cuidadosa de meu trabalho

A banca de qualificação: Professoras Doutoras Maria Mercedes Saraiva Hackerott e Sueli Cristina Marquesi pelas valiosas orientações que enriqueceram o meu trabalho

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela ajuda financeira.

SUMÁRIO

<u>TABELA</u>	1
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	2
<u>RESUMO</u>	3
<u>ABSTRACT</u>	4
<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>1. CAPÍTULO I</u>	9
<u>CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA.</u>	9
<u>1.1. CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E DE HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA.</u>	9
<u>1.1.1. História</u>	9
<u>1.1.2. Historiografia Lingüística</u>	12
<u>2. CAPÍTULO II</u>	18
<u>O ESPÍRITO DA ÉPOCA</u>	18
<u>2.1. O SÉCULO XX. PANORAMA HISTÓRICO</u>	18
<u>2.2. MÁRIO DE ANDRADE VIDA E OBRA</u>	22
<u>2.3. SAID ALI VIDA E OBRA</u>	27
<u>3. CAPÍTULO III</u>	30
<u>OS TEXTOS EM QUESTÃO: A “GRAMATIQUINHA” E GRAMÁTICA SECUNDÁRIA.</u>	30
<u>3.1. A “GRAMATIQUINHA” DE MÁRIO DE ANDRADE</u>	30
<u>3.1.1 Aspectos da brasilidade</u>	30
<u>3.1.2 Aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal</u> ..	35
<u>3.2 A “GRAMÁTICA SECUNDÁRIA” DE SAID ALI</u>	60
<u>3.2.1 Aspectos da Brasilidade</u>	60

3.2.2	<u>Aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal.</u>	61
4	<u>CAPÍTULO IV –</u>	70
	<u>O TRATAMENTO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA SEGUNDA</u>	
	<u>METADE DO SÉCULO XX.</u>	70
4.1	<u>CELSO CUNHA: VIDA E OBRA.</u>	70
4.2	<u>NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO.</u>	72
4.2.1	<u>Aspectos da Brasilidade.</u>	72
4.2.2	<u>Aspectos Lingüístico-Gramaticais da Abordagem Pronominal</u>	73
5	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	83
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	87

TABELA

[Tabela 1:Exemplos de aplicação de Pronomes, segundo Mário de Andrade...55](#)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mário de Andrade – autor do projeto da “Gramatiquinha”	22
Figura 2: Manuel Said Ali – “A Gramática Secundária”	27
Figura 3: Celso Ferreira Cunha: Nova Gramática do Português Contemporâneo	70

RESUMO

Este trabalho tem como tema o estudo da “Gramatiquinha” de Mário de Andrade: numa leitura historiográfica. Inserindo-se na linha de Pesquisa “Descrição e História da Língua Portuguesa”, apresenta-se como fruto das pesquisas realizadas no Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos do Português, especificamente no Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa. Fundamenta-se nos princípios teórico-metodológicos de Konrad Koerner e baliza-se nas seguintes perguntas de pesquisas: 1) em que medida a abordagem de Mário de Andrade acerca dos pronomes se distancia da gramática de Said Ali? 2) até que ponto as considerações **Márioandrianas** na “Gramatiquinha” foram utilizadas nas cartas, nos textos “teóricos” do mesmo autor? 3) que aspectos da colocação pronominal de Celso Cunha diferem das de Mário de Andrade e Said Ali? 4) que reflexões podemos fazer sobre a colocação dos pronomes na fala brasileira durante a década de 20? A partir das perguntas de pesquisas elencadas, apresentam-se os objetivos: 1) investigar a abordagem dos pronomes na ótica de Mário de Andrade, na década de 20; 2) comparar as explicações sobre pronomes, postuladas na “Gramática Secundária” de Said Ali e sua aproximação com a colocação pronominal de Mário de Andrade, no que se refere à fala brasileira; 3) identificar a opinião de Celso Cunha, no que se refere à colocação pronominal, tomando como ponto de comparação a postura sugerida por Mário de Andrade. As análises pautam-se nas categorias a seguir: a) aspectos da brasilidade; b) aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal e trazem como resultado o delineamento de uma postura em relação ao uso de pronomes concorde com a fala brasileira, ou seja, o escritor considera que os falantes da língua portuguesa no Brasil deveriam formular suas próprias regras, uma vez que ninguém “erra” na colocação dos pronomes, todos, simplesmente, os utilizam, havendo aqueles que seguem as regras da gramática apenas em situações formais. Esse posicionamento diverge dos postulados de Said Ali e Celso Cunha, pois Mário de Andrade ateu-se ao uso coloquial dos brasileiros para a sua descrição, sem ter a intenção de escrever uma gramática normativa voltada para a norma padrão culto.

ABSTRACT

This project has as a theme the historiographical reading study of Mário de Andrade's "Gramatiquinha". Being inserted in the research camp of "Description and History of Portuguese Language", and presented as a result of previous researches performed at the Institute of Linguistics Researches "Sedes Sapientiae" for Portuguese Studies, specifically at the Portuguese Language Historiographical Researches Group. It is based on the theoretical-methodological principles of Konrad Koerner and directed by the following research questions on: 1) In what amount does Mário de Andrade's pronouns approach distances itself from Said Ali's grammar? 2) To what point Mário de Andrade's considerations in "Gramatiquinha" were used on the letters, on the theoretical texts from the aforementioned author? 3) What aspects of Celso Cunha's pronominal placement differ from Mário de Andrade's or Said Ali's? 4) What reflections could be made about pronouns placement in Brazilian spoken language during the 20's? Based on the casted research question the objectives are presented: 1) Investigate the pronouns approach under Mário de Andrade's optics, during the 20's; 2) Compare the pronoun explanations postulated on Said Ali's "Gramática Secundária" and its approach with Mário de Andrade's pronominal placement, related to Brazilian spoken language; 3) Identify Celso Cunha's opinion, concerning pronominal placement, taking as a comparative standard Mário de Andrade's suggested posture.

The analysis are based on the following categories: a) Brazilianess aspects; b) grammatical-linguistic aspects of pronominal approach resulting in a posture outlining in relation to the use of pronouns agreeing with Brazilian spoken language, it is, the writer considers that Portuguese language speakers in Brazil should formulate their own rules, once nobody misplaces pronouns, everybody, simply uses them, and there are also those who follow grammatical rules only in formal situations.

This posture differs from the ones postulated by Said Ali and Celso Cunha, because Mário de Andrade attained himself to the Brazilians' colloquial use for his descriptions, unwilling to write a normative grammar directed to the cult norm grammatical standards

INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se na linha de pesquisa “Descrição e História da Língua Portuguesa”, baseia-se nos princípios da Historiografia Lingüística e tem como tema o estudo das influências de Said Ali na elaboração do projeto da “Gramatiquinha da fala brasileira” de Mário de Andrade.

Para a realização desse projeto, o escritor dispunha dos seguintes materiais: anotações fortuitas, descontínuas, nem sempre condizentes com o que deveria servir à obra; notas brevíssimas, escritas em papéis pequenos, cuja origem provinha de expressões proferidas da boca de um falante, que Mário de Andrade ouvia e que poderia ser útil para a concretização de tal tarefa.

Por esses materiais rascunhados, a idealização da “Gramatiquinha” tendia para dois caminhos: a escritura de um texto interpretativo desconexo ou a escritura de um plano de Gramática.

Mário de Andrade, optou por dedicar-se à elaboração do plano de gramática, a partir do momento que tomou conhecimento com a “Gramática Secundária” de Said Ali, na qual fez várias anotações (na marginália). Ocorreu-lhe, então a idéia de organizar os materiais, já mencionados, para dar prosseguimento à sua tarefa. Esse exemplar seria da 1ª edição.

Pelos comentários apontados, confirmamos a orientação dos estudos de Mário de Andrade, com base na referida Gramática, rumo à “Gramatiquinha” que está dividida em quatro partes: Fonologia, Lexeologia, Sintaxe e Estilística. Cada uma dessas partes, com seus itens, compõe o índice.

Nossos estudos estão voltados para uma perspectiva historiográfica. Temos como objetivos: 1) investigar a abordagem dos pronomes na ótica de Mário de Andrade, na década de 20; 2) comparar as explicações sobre pronomes, postuladas na “Gramática Secundária” de Said Ali, e sua aproximação com a colocação pronominal de Mário de Andrade, no que refere à fala brasileira; 3) identificar a opinião de Celso Cunha, no que se refere à colocação pronominal sugerida por Mário de Andrade.

A escolha desse tema surgiu após algumas reflexões feitas ao lembrar de como foi nosso aprendizado da Língua Portuguesa, bem como nossa experiência como professora de Língua Portuguesa. Por estarmos no papel de historiógrafo, decidimos construir o clima de opinião da trajetória do pesquisador, o que justifica a retrospectiva histórica da década de 20, do século XX. Antes, porém, remeter-nos-emos às lembranças pessoais que servirão como justificativa para a escolha do tema da pesquisa.

Na década de 60, para a alfabetização, adotava-se a cartilha e no ginásio para cada disciplina um livro didático. Estudamos num colégio que, além das disciplinas comuns a todas as outras escolas (Português, Matemática, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística), acrescia à grade curricular aulas de Educação Musical. Considerávamos essas as aulas de o melhor momento e, apesar de sermos “obrigados” a aprender a notação musical, decorar todos os hinos e cantá-los uma vez por semana, achávamos esses os momentos mais prazerosos além da participação na Banda da escola.

O professor de Educação Musical dividia a sala em pequenos grupos e, em seguida, deixava-nos livres para que escolhêssemos o instrumento musical. Depois dava uma aula expositiva, falava-nos sobre a importância de cada um dos instrumentos e ensinava também como tocar cada um deles. O objetivo principal, a nosso ver, era despertar o interesse musical nos alunos e fazer-nos entender que esse aprendizado deveria ser parte integrante de nossas vidas e que aprenderíamos não só os hinos, mas também todas as outras músicas existentes nesse universo. Com relação à Língua Portuguesa, líamos o livro e o professor “explicava-nos” as classes gramaticais, elaborava uma série de exercícios para que fizéssemos como tarefa em casa. Marcava um dia da semana e fazia chamada oral. A estratégia resumia-se a decorar o conteúdo dado pelo professor, responder às questões, corrigir os exercícios e, assim, a matéria estava “apreendida”.

Na verdade, o professor estava apenas “cumprindo” o conteúdo programático, pois o conhecimento disponível nos anos 60 levava a buscar no aluno a causa do fracasso escolar o que tinha sua lógica, visto que, apenas para uma parte dos alunos, o ensino parecia funcionar.

Pensava-se que esse fracasso se devia à falta de algo, sendo, então, necessário compensar esse déficit para que pudessem, assim, aprender. No Brasil, essa visão assumiu a forma didática de um conjunto de atividades mimeografadas que deveriam ser realizadas antes de iniciar-se a alfabetização. Essas atividades conhecidas como “prontidão” para alfabetização, costumavam ocupar o primeiro bimestre da 1ª série. A hipótese subjacente era de que o treino de um conjunto de habilidades psicomotoras produziria as condições necessárias para aprender a ler e escrever. (parâmetros curriculares Nacionais Vol.2, p.20)

Na década de 80, ingressamos no curso Superior de Música, que teve a duração de quatro anos. Pretendíamos aprofundar nossos conhecimentos musicais que foram despertados ainda quando cursávamos o ensino fundamental.

Nessa mesma época, iniciavam-se as discussões sobre o Ensino de Língua Portuguesa. Era necessário melhorar a qualidade do ensino no país, pois era expressivo o índice de repetência no Brasil e nos países mais pobres.

Constatava-se, como causa desse fracasso escolar, a dificuldade que a escola tinha para ensinar a ler e a escrever. Era visível esse problema nas primeiras séries iniciais (1ª, 2ª e 5ª séries) e que se arrastava até o ensino médio chegando ao superior, não se conseguindo, portanto, manter um nível mínimo de exigência.

Com o exposto, verificamos que a mesma problemática do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa ainda persiste, embora tenha havido alguns avanços.

Retomando nosso percurso cumpre salientar que os estudos musicais despertaram nossa atenção especial para as letras musicais, ou seja, para o conteúdo dos textos. Esse fato motivou-nos a cursar outra Graduação.

Em 1988, decidimos iniciar o curso de Língua e Literatura Portuguesa. Pretendíamos aprofundar os estudos referentes à Língua materna para, futuramente, ser professora de Língua Portuguesa. Pensávamos que o conteúdo gramatical, não apreendido no ensino fundamental e médio, seria aprendido na Universidade.

Com o decorrer do curso, descobrimos que a Universidade apresentava programas de Língua Portuguesa que abordavam as teorias lingüísticas, os lingüistas importantes e a gramática eram vistas como alguns aspectos críticos. Foi num determinado semestre, quando cursamos a disciplina Arte e Cultura, que a professora solicitou que fizéssemos um trabalho sobre a Semana de Arte Moderna. Assim descobrimos o mentor da Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade. Lemos a sua biografia e descobrimos que o escritor começou sua carreira artística dedicando-se à arte musical concomitantemente à literatura, o que despertou nosso interesse em aprofundar futuramente o estudo sobre o escritor Mário de Andrade em saber como utilizou /uniu a música aos estudos lingüísticos.

Uma vez bacharel em Língua Portuguesa, tínhamos como meta ensinar os conteúdos gramaticais de forma diferente do que aprendêramos, ou seja, tornando as aulas de língua materna mais agradáveis por meio de textos (letras musicais) que, talvez, pudessem amenizar a idéia de que o aprendizado de Língua Portuguesa era difícil e Mário de Andrade seria a base no sentido de dar ritmo às aulas no que se referia à interpretação de texto e ao reconhecimento dos itens gramaticais sem nenhuma pretensão de seguir as idéias lingüísticas do escritor. Por sua vez Mário de Andrade não concluiu curso superior, foi autodidata, “especialista” em assuntos diversos, principalmente em Música e conseguiu vincular o ritmo, a melodia, o tempo à sua produção literária (a poesia, ensaios e artigos)

Na década de 90, começamos a ministrar aulas de Língua e Literatura Portuguesa para o ensino fundamental e médio num curso Supletivo. Atuamos em sala de aula durante dez anos. Nesse tempo, muitos questionamentos surgiram tais como a dificuldade que os alunos tinham, tanto para ler, como

para escrever, sendo que alguns já adultos tinham, no mínimo, estado na escola por cinco anos.

Passamos a observar que os alunos utilizavam uma linguagem coloquial tanto na fala, quanto na escrita, motivo que nos fez refletir sobre até que ponto deveríamos considerar essa atitude um erro.

Dessa forma, buscamos investigar que produções havia no início do século XX que defendiam o uso coloquial. Encontrando Mário de Andrade, passamos a observar a postura do autor que apregoava:

“Vale mais errar, porém fazer do que não errar e não fazer” (Andrade sd apud Pimentel ,1990,p.331).

Escrever é tarefa difícil, mas não impossível de aprender desde que “aceitemos” o que o nosso aluno escreveu e mostremos a ele caminhos que o levem a diferenciar o que pode ser considerado erro e o que é aceitável.

Mário de Andrade foi o grande defensor da fala brasileira e, durante aproximadamente trinta anos, anunciou para os intelectuais a gramática da fala brasileira. Ambicionava contribuir, por meios de estudos lingüísticos e da sua própria obra literária, para a renovação da expressão artística nacional, estilizando o brasileiro vulgar. Afirmou o tempo todo que não tinha a intenção de ir contra Portugal e nem mesmo de “criar” uma nova língua, mas reconhecer as variedades lingüísticas existentes, a fala geral de seu povo. Conforme Pimentel (1990, p.333)

... o que a gente tem de fazer é isso: ter a coragem de falar brasileiro sem si amolar com a gramática de Lisboa. Dar cada um a sua solução pessoal de falar brasileiro pra que depois um dia os gramáticos venham a estabelecer a gramática do Rio de Janeiro. Está certo. Vejam bem:

Falei “sem, se amolar com a gramática de Lisboa” e não “se opondo à gramática de Lisboa”. Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independência natural sem reivindicações, nem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente. Trata-se de “ser”. O brasileiro tem direito de ser.

Constatamos o desejo de Mário de Andrade em reafirmar a estilização da fala brasileira e em mostrar a seriedade do seu trabalho sem ter que ferir as normas da Língua Portuguesa.

Entre vários aspectos abordados pelo escritor no que se refere à fala brasileira, selecionamos o item pronome, que suscitou questões que, no decorrer da pesquisa, pretendemos responder:

1. Em que medida a abordagem de Mário de Andrade acerca dos pronomes se distancia da “Gramática Secundária” de Said Ali?
2. Até que ponto as considerações **Márioandradianas** na “Gramatiquinha” foram utilizadas nas cartas, nos textos “teóricos” do mesmo autor?
3. Que aspectos da colocação pronominal de Celso Cunha difere de Mário de Andrade e Said Ali?
4. Que reflexões podemos fazer sobre a colocação dos pronomes na fala brasileira durante a década de 20?

Verifica-se, assim, que o nosso estudo estará direcionado, em geral, para a reflexão sobre o uso dos pronomes na década de 20, no Brasil e, em particular, para as posturas de três escritores de prestígio: Said Ali, Mário de Andrade e Celso Cunha.

Constatamos, nos rascunhos do projeto da “Gramatiquinha”, no item pronome, que o escritor não fez anotações, motivo que nos levou ao interesse investigativo.

Destacamos também, na terceira parte do índice da “Gramatiquinha”, ou seja, Sintaxe, no Capítulo XXI intitulado “Psicologia do Pronome” que, possivelmente, as considerações sobre o raciocínio sobre o significado do pronome para Mário de Andrade, estão nas entrelinhas como se pode observar no texto de Pimentel (1990, p.384)

...cada um deve dar regras a si mesmo sobre a colocação do enclítico. É o que fiz. Por onde que dei essas regras? Pelo valor psicológico da frase. Vem depois do verbo quando frase é vaga ou fortemente imperativa.

Na verdade, cada um deveria escrever sem se preocupar com o efeito eufônico que se poderia produzir, haja vista a proposta do escritor no que se refere à questão pronominal.

Tendo, pois, nosso interesse voltado para o uso dos pronomes nas obras de Said Ali, Mário de Andrade e Celso Cunha, mostramos que nosso espírito investigativo foca-se na perspectiva historiográfica como mencionamos anteriormente.

Assim sendo, nosso trabalho se organiza a partir dos três princípios de Konrad Koerner: a) princípio da contextualização, diz respeito ao clima de opinião; b) princípio da imanência refere-se ao entendimento do clima de opinião e c) princípio da adequação, consiste em dar um novo encaminhamento aos dois primeiros princípios sob a luz de uma nova teoria lingüística.

Ao procedermos à análise, fixando-nos no princípio da imanência e, posteriormente no da adequação, adotaremos as categorias de análise: explanação dos aspectos da brasilidade e aspectos lingüísticos da abordagem pronominal que guiarão nossos passos pelos textos selecionados.

Buscando atingir nossos objetivos e responder as questões que nós fizemos, seguindo os princípios de Koerner para Historiografia Lingüística, apresentamos nossa dissertação distribuída da seguinte forma:

Capítulo I – AS CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

LINGÜÍSTICA: buscaremos discorrer sobre história e historiografia lingüística com apoio dos autores estrangeiros: Jacques Le Goff, Konrad Koerner e Pierre Swiggers e das autoras brasileiras: Cristina Altmann e Neusa Bastos.

O Capítulo II – O ESPÍRITO DA ÉPOCA: traçaremos o panorama histórico-cultural da época, a partir do qual apresentaremos a importância do movimento modernista brasileiro, em especial, da Semana de Arte Moderna, para a pesquisa em questão. Ainda neste capítulo, discorreremos sobre o estruturalismo de Ferdinand de Saussure e Vida e Obra de Mário de Andrade e Said Ali.

O Capítulo III – OS TEXTOS EM QUESTÃO: A “GRAMATIQUINHA” E GRAMÁTICA SECUNDÁRIA: analisaremos o “projeto da Gramatiquinha” e a

“Gramática Secundária” de Said Ali. No projeto e na Gramática, nossa análise estará baseada em duas categorias a saber: a) aspectos de brasilidade; b) aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal.

O Capítulo IV – O TRATAMENTO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: trataremos da adequação referente ao projeto da “Gramatiquinha” de Mário de Andrade, à “Gramática Secundária” de Said Ali, vistas à luz de Celso Cunha relativa às questões de brasilidade.

Para finalizar faremos as **Considerações Finais e Bibliografia.**

1. CAPÍTULO I

CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA.

Este capítulo tece considerações sobre História e Historiografia e sua interação com a Lingüística.

1.1. Concepções de História e de Historiografia Lingüística.

1.1.1. História

Quando pensamos a história, pensamos o homem. História é um termo bastante genérico, que poderia denominar toda e qualquer investigação científica.

O sábio historiador grego, Heródoto, foi quem primeiro empregou a palavra “história” que, para ele, contem dois sentidos diferentes: pesquisa racional e resultado de tal pesquisa dado a entender que história era apresentar aos leitores uma obra de caráter científico e não fictício ou meramente recreativo. Besselaar (1974, p.3-4)

Na Antigüidade, o termo foi aplicado e interpretado como a narração de fatos e acontecimentos do passado. Hoje se ampliou esse conceito sendo, além de narração dos fatos os próprios fatos do passado.

As divergências, entre autores, acerca do que é a História, fazem suscitar múltiplas definições. Apresentaremos aqui, algumas das definições dadas por estudiosos.

Para Besselaar (1974, p.29-30), a história é a ciência dos atos humanos do passado e dos vários fatores que neles influíram, vistos na sua sucessão temporal. Os diversos elementos dessa definição podem facilmente ser mal entendidos, de modo que cumpre examiná-los de perto. Os atos humanos são próprios do homem enquanto homem, por exemplo: amar, odiar, escrever, guerrear etc. Por serem deliberados e voluntários, estes atos distinguem-se dos atos chamados involuntários realizados pelo homem, por exemplo: respirar, crescer, digerir, entre outros, que independem da inteligência e da vontade humanas.

Em relação à Antiguidade greco-romana, podemos afirmar que, para os gregos, a história é moral, por glorificar o homem, tornando-o um herói, e pragmática, por projetar a utilidade que se poderá tirar dos conhecimentos acerca dos fatos passados. Já, para os romanos, a história apresenta-se não só com intenções morais, mas também com intenções patrióticas, por fornecer bons exemplos de condução da Pátria a serem seguidos e maus exemplos a serem evitados. Bastos (2004, p.74)

Assim sendo, compreendemos que os atos humanos são objeto próprio da história, pois são manifestações da pessoa humana, revelando sempre certo grau de espiritualidade e originalidade.

Conforme Le Goff (1992, p.8), a História se define em relação a uma realidade que não é observada e nem construída, mas sim indagada e testemunhada. Assim, a História começou como um relato, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. Seu objeto de estudo é o homem, por isso também considerada uma prática social.

Mediante a necessidade de o historiador misturar relato e explicação, a história passa a ser concebida como um gênero literário, uma arte, ao mesmo tempo, é uma ciência. A história é ciência pouco autônoma, sendo considerada a mais pobre de todas as ciências, necessitando, mais do que qualquer outra, do auxílio de disciplinas subsidiárias: a filosofia, a arqueologia, a paleografia, a cronologia, a geografia, apenas para citar algumas. Besselaar (1974 p257)

Esse múltiplo posicionamento da história perdurou até o século XIX, ou seja, a história misturou-se com a arte e com a filosofia, esforçando-se (o que consegue parcialmente) por se tornar mais específica, técnica e científica e menos literária e filosófica. A História, como todas as ciências, deve generalizar e explicar o seu objeto. Com o crescimento tecnológico, pôde-se observar uma nova escritura da história no século XX.

As inovações que se manifestaram por meio da intelectualidade do início do século XX dizem respeito a três tendências na França: 1) a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema; 2) a história de todas as atividades humanas e não apenas a história política; 3) a inserção de outras disciplinas, tais como: geografia, sociologia, psicologia, economia, lingüística, antropologia social e outras. Bastos (2004, p.74)

O tempo é o parâmetro fundamental da história, pois desempenha um papel de fio condutor. Observamos que o instrumento principal da cronologia é o calendário, que vai muito além do âmbito histórico, tornando -se o quadro temporal do funcionamento da sociedade.

Essa temporalidade está ligada às origens míticas e religiosas da humanidade (festas), aos progressos tecnológicos e científicos (medida do tempo), à evolução econômica, social e cultural (tempo do trabalho e tempo de lazer).

A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Ao que se refere ao tempo histórico, podemos nos certificar de que a visão de um mesmo passado muda segundo as épocas e o tempo em que vive o historiador, ao qual está submetido.

Com efeito, o interesse pelo passado está em esclarecer o presente; o passado é referido a partir do presente (método regressivo de Bloch). Assim, a história renova-se a partir de 1929, data da fundação da revista 'Annales,' por Bloch e Febvre, em que um papel importante é desempenhado por uma nova concepção do tempo histórico. Nesse momento, a história passa a ser construída em ritmos diferentes e cabe ao historiador captar e identificar esses ritmos.

Ressaltamos que, em vez do estrato superficial, o tempo rápido dos eventos, mais importante seria o nível mais profundo das realidades que mudam devagar (geografia, cultura, material, mentalidades: em linhas gerais as estruturas) – trata-se do nível das “longas durações” De acordo com Le Goff (1992, p.15 apud Braudel, Le Roy Ladurie)

O dialogo dos historiadores da longa duração com as outras ciências sociais e com as ciências da natureza e da vida _ a economia e a geografia ontem, a antropologia, a demografia e a biologia hoje – conduziu alguns deles à idéia de uma história “quase imóvel”

Marc Bloch entende a história como a ciência dos homens do tempo. Para ele, os homens constituem o objeto da História. Ele pensa nas relações que o passado e o presente entretecem ao longo da história. Considerava que a história não só deve permitir compreender o “presente pelo passado” - atitude tradicional – mas, também, compreender o “passado pelo presente”.

Esta relação entre presente e passado no discurso sobre a história é sempre um aspecto essencial do problema tradicional da objetividade nessa ciência. A História deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros. A História, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Le Goff (1992, p.29-32)

Georges Lefebvre diz que História é a memória do gênero humano, o que lhe dá consciência de si mesmo, isto é, da sua identidade no tempo, desde a sua origem; é por consequência o relato do que, no passado, deixou marca na recordação dos homens.

1.1.2. Historiografia Lingüística

Nos últimos trinta anos, muitas pesquisas têm surgido na área da Historiografia Lingüística em busca de um método que atenda às necessidades do pesquisador, e, também, para que se possa encontrar uma definição para Historiografia Lingüística.

Segundo Altman (1998, p.25), trata-se de uma disciplina que tem vocação científica, cujo principal objetivo é o de descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento lingüístico, em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.

A Historiografia lingüística vai além de escrever e explicar a produção e o desenvolvimento de um conhecimento lingüístico. Ela busca na História referências passadas sobre o objeto que se vai estudar, para que o investigador tenha condições de interpretar o documento, adquirindo, assim, subsídios para escrever uma nova História.

São objetos de estudo, não só os textos publicados e reconhecidos de uma comunidade, mas também os não publicados tais como: correspondências, cartas, rascunhos ou qualquer documento pessoal produzido por uma comunidade científica.

Conforme mencionamos, no início, devido a um grande interesse por parte de pesquisadores em discutir questões de metodologia e epistemologia para a Historiografia Lingüística, podemos considerar que a disciplina está próxima ao amadurecimento.

A primeira discussão organizada aconteceu no final da década de sessenta, quando o livro de Thomas S. Kuhn, *“The Structure of Scientific Revolutions”* (1962), começou a exercer impacto na história da lingüística Hymes (1974).

Assim como Kuhn e Hymes, outros estudiosos também contribuíram, dedicando-se individualmente ao assunto em questão.

Apesar de observarmos os esforços dos pesquisadores em querer estabelecer métodos para o historiógrafo da lingüística, não haviam eles, ainda, chegado a uma maneira única de proceder na pesquisa historiográfica em lingüística, que pudesse atender à comunidade científica, devido à sua natureza particular do assunto sob investigação (teorias da linguagem e da lingüística), a sua evolução através dos tempos.

Era necessário que os historiógrafos buscassem a sua própria metodologia e epistemologia, o seu próprio campo de trabalho, não deixando que métodos e *insights* interferissem, de modo que fossem diretamente aplicados ao seu objeto de investigação.

Assim, prosseguiram os estudos na Europa, onde vários pensadores começavam a questionar sobre o que era a História da sociedade até aquele momento. Havia a necessidade de mudança de paradigma.

Essa mudança ocorreu a partir da contribuição de Lucien Febvre e Marc Bloch. Em 1928, eles foram os criadores de uma revista chamada *Annales*, cujo objetivo foi divulgar/criar uma nova história, buscar um novo método para a história, conforme já dissemos anteriormente. De acordo com Casagrande (2001, p.10):

É de grande importância enfatizar que a “Escola dos *Annales*”, a qual pertenciam os dois historiadores supracitados foi, na verdade, a responsável pelo estabelecimento desse novo paradigma. Vem do século XVIII essa busca por uma nova abordagem da ciência histórica, em não só se concentrar nos acontecimentos políticos, mas também, nos sociais, nos psicológicos e até mesmo nos lingüísticos. Essa mudança de paradigma caracterizou-se como a “revolução francesa da Historiografia”, uma vez que impôs uma nova visão de registro histórico.

Em 1933, Lucien Febvre mudou-se para Paris. Bloch, um pouco mais tarde. Foi na cidade-luz que se consolidou o movimento dos *Annales*.

Mediante a esses acontecimentos, podemos dizer que a Historiografia Lingüística originou-se na França e passou a ser vista como uma disciplina interdisciplinar, por manter um “diálogo” com outras disciplinas tais como: a Psicologia, a Geografia, a Sociologia, entre outras.

Com esse novo paradigma, ou seja, essa nova visão sobre a Historiografia Lingüística, não basta ao historiógrafo ser bem versado em assuntos relacionados à Lingüística, mas deve ter, também, um conhecimento quase enciclopédico para melhor aplicar os novos conceitos à sua pesquisa.

Observamos que a Historiografia Lingüística precisava estabelecer bases sólidas no que se refere ao desenvolvimento da disciplina. Era necessário orientá-la para a teoria e não para os dados, embora fosse reconhecido que faltavam muitas leituras para atingir essa finalidade.

No início da década de 70, vários pesquisadores interessados pela conduta da disciplina e seu aprimoramento, recordando o impacto que causou o livro de Kuhn “*The Structure os Scientific Revolutions*” (1962; 1970), retomavam a questão: até que ponto sua morfologia das revoluções científicas poderia fornecer um guia útil para o historiador da lingüística?

Essa discussão amainou-se ao final da década de 70, provavelmente com o resultado do texto de (Altman apud Percival, 1998, p.25), ao questionar a procura de “*paradigmas*” na lingüística sem, entretanto, ter oferecido um caminho alternativo.

Acreditamos terem sido vários os motivos/razões para que Kuhn pudesse ser muito bem recebido por vários cientistas, pois sua obra visava às ciências naturais, em particular, a física teórica.

Segundo os pesquisadores, no livro de Kuhn percebia-se a falta de conhecimento do trabalho de outros filósofos, a falta de precisão de muitas das definições (o que permitia várias interpretações de seu argumento); por outro lado, notava-se a ênfase dada na dinâmica social que envolvia tais mudanças o que, provavelmente, agradava aos cientistas sociais (possibilitava abertura para vários paradigmas).

Já na década de oitenta, presenciava-se uma variedade de estudos que ofereciam linhas alternativas de conduta historiográfica, sendo que o debate era direcionado para a abordagem histórica em lingüística.

Apesar do desempenho dos estudiosos, ainda não tínhamos, estabelecida, uma base comum sobre como proceder em historiografia lingüística. Mesmo assim, as discussões prosseguiram cada vez mais acirradas. Não existiam bases aceitas para o tratamento da história da lingüística. O momento estava para pensar em desenvolver princípios de pesquisas e procedimentos para o trabalho historiográfico em lingüística.

Enquanto não se resolvia a questão, conceitos como: ‘matriz disciplinar’ e ‘clima de opinião’, ‘continuidade’ vs ‘descontinuidade’, ‘evolução’ vs ‘revolução’, ‘corrente principal’ vs ‘corrente secundária’, ‘orientação para os dados’, ‘orientação para a teoria, e outros (conforme Koerner, 1982) acabaram por se tornar termos mais amplamente aceitos, mesmo não sendo sempre unânimes no que diz respeito ao sentido e escopo da sua aplicabilidade.

O historiógrafo da lingüística enfrenta vários problemas metodológicos e epistemológicos nos quais incluem questões de periodização, contextualização etc.; mas um dos problemas que mais se evidencia é a questão da metalinguagem (linguagem empregada para descrever idéias do passado sobre linguagem e lingüística).

Nenhum escritor/pesquisador consegue deixar de discutir teorias de períodos passados e esse procedimento está conduzindo às inúmeras e sérias distorções na história da lingüística. Assim, qualquer historiógrafo sério deve perceber as armadilhas e ficar atento quando da aplicabilidade do termo por outros ou por eles próprios.

Portanto, enquanto não surgirem novos encaminhamentos e/ou bases sólidas para atender aos estudos historiográficos, a solução para o problema dos abusos na linguagem técnica, eventualmente cometidos pelo historiógrafo da lingüística, pode estar na adoção dos três princípios que se seguem, e, sem dúvida, ultrapassam as questões da metalinguagem.

De conformidade com a Historiografia Lingüística, temos três princípios são eles:

Primeiro: “princípio da contextualização”, consiste no estabelecimento do “clima de opinião”. Trata-se do levantamento dos acontecimentos da época em que o documento que se vai estudar foi produzido, ou seja, datas, contexto histórico, autor, edição e outros. Todas essas informações são de extrema importância para que o pesquisador reconheça a veracidade do documento com relação à história.

Segundo: “princípio da imanência” após o levantamento das informações sobre o documento que se vai investigar, cabe ao pesquisador buscar entendê-lo amplamente, considerando o momento em que ele foi produzido;

Terceiro: “princípio de adequação” dados os encaminhamentos desses princípios, compete ao pesquisador reatualizar o documento estudado, ou seja, proceder à nova interpretação à luz de novas teorias lingüísticas para que o homem moderno possa compreender o referido documento com mais facilidade.

Neste capítulo, elencamos apenas algumas definições sobre história e historiografia as quais consideramos importantes como fundamentos da Pesquisa por nós empreendida. Naturalmente, compreendemos ser e é possível que outros autores aqui não tratados tenham outras posições diversificadas a respeito de História e Historiografia por ser um campo muito vasto e, nesse sentido. Oferecer recortes. Passamos, a seguir a discorrer sobre o Panorama Histórico do Século XX.

2. CAPÍTULO II

O ESPÍRITO DA ÉPOCA

Neste Capítulo, apresentamos o contexto artístico e cultural da época em que se situa Mário de Andrade, isto é, a segunda década do século XX e bem como referências sobre o poeta Mário de Andrade e sobre o Filólogo Manuel Said Ali.

2.1. O Século XX. Panorama Histórico

No século XX, os movimentos artísticos que se desenvolveram antes, durante e após a I Guerra Mundial foram chamados pela intelectualidade da época, de Vanguardas Artísticas Européias. Naquele período eram questionadas as formas tradicionais de organização da obra de arte, ou seja, os *ismos* (Dadaísmos, Cubismo, futurismos e Surrealismo) europeus do início do século que colocavam em xeque as próprias pautas que regiam a vida e a sociedade de seu tempo. Rodrigues (1979, p.3)

A arte deste século tinha como traço identificador a integração das várias manifestações criativas. Artes plásticas, literatura, música, arquitetura e cinema, procuraram estabelecer entre si um sistema de conexão, de identificação.

Os *ismos* desenvolveram-se anarquicamente na Europa, por meio de manifestos, revistas, livros e exposições, que investiram, com ímpeto demolidor, contra o já estabelecido.

Paris era o centro dessas manifestações que se alastraram para todo o mundo propondo o confronto da Arte Moderna contra a Arte passadista. Divulgava-se uma verdadeira alergia contra as academias, os museus, os artistas canastrões, o soneto, a rima, a cartola, a sobrecasaca e a polaina, índices do passadismo mental e artístico.

Era um hábito cultural que vinha desde o século XIX, propiciando que vários artistas brasileiros circulassem por Paris e pela Europa como um todo. Alguns viajavam por conta própria; outros usufruíam bolsas de estudos.

Esses jovens assimilavam as novidades cubistas, futuristas, dadaístas e surrealistas e, assim, retornar ao Brasil, começavam a divulgar as novas idéias, deixando entusiasmados outros jovens a fim de se promoverem, tais como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Ismael Nery, entre outros.

Nossos artistas brasileiros, instigados pelas novas idéias, pelo trabalho demolidor, já presentes na Europa, começaram a procurar o “novo” dentro da realidade nacional. Podemos dizer que os jovens “beberam” da cultura européia, em busca de um embasamento que lhes dessem condições para seguirem na trilha de um perfil para criar a identidade nacional, sem necessidade de copiar as idéias européias.

Motivados por inovar a arte, no Brasil, começam a organizar a Semana de Arte Moderna. Ela foi considerada um marco da arte contemporânea em nosso país, quando foram registradas as participações de praticamente todos os setores de atividades artísticas. Devidamente ajustados, encontramos Mário de Andrade e Oswald de Andrade, na Literatura; Heitor Villa Lobos, na Música; Emiliano Di Cavalcanti e Anita Malfati, na Pintura; Victor Brecheret, na Escultura entre as mais destacadas.

A Semana de Arte Moderna deve ser vista não só como um movimento artístico, mas também como um movimento político e social que vai traçar as linhas de uma estrutura social nova, em formação graças a uma mudança sócio-econômica do Brasil, especialmente nas duas primeiras décadas do século XX. Marco inicial do movimento moderno brasileiro divulgou uma tendência nacionalista pela procura consciente e sistemática de brasilidade, de realidade brasileira.

Com essa tendência, em 1929, e, depois em 1941, Mário de Andrade viajou para o Norte e Nordeste do Brasil, a procura de documentos, canções, objetos históricos e artísticos para dar início ao seu projeto.

Essa viagem foi para ele um grande aprendizado. O que aprendera sobre o Brasil deve-se aos músicos, viajantes antropólogos e historiadores. Mário de Andrade foi conhecedor de uma cultura universalista, embora nunca tenha saído do Brasil.

Amou seu país com todas as forças e poetizou São Paulo sem limites. Em 1922 criou o movimento modernista com o intuito de mostrar a multiplicidade cultural existente na sua Nação.

Mário de Andrade liderava um grupo que pensava de modo diverso, ao dar muito valor às nossas tradições, sem ser passadista nem saudosista. A questão de Mário de Andrade não é trazer o passado de volta, mas, sobretudo, entender o tempo presente, a brasilidade. Assim, Mário de Andrade não pensava em embalsamar a cultura. Desconfiava do passado como um tempo perfeito, digno de ser revivido. Não propunha, como o faziam os verdadeiros amarelos, nenhuma viagem de volta ao passado. Queria entender a tradição no que ela tinha de atual e de vivo. Era essa a tradição que interessava pesquisar e analisar, por isso a denominava “tradições móveis”. Velloso (2000, p.34)

Ao estudar as manifestações culturais do passado, interpretava-as com os olhos postos no presente. No “Prefácio interessantíssimo”, publicado em “Paulicéia desvairada” (1922), Mário de Andrade define o passado como “lição para meditar, não para repetir”. Assim, ele compreendia o passado como uma espécie de ponte que permitia a travessia para o presente. Passado como passagem, jamais como permanência.

Apesar de sabermos da influência do filólogo e gramático Said Ali na obra de Mário de Andrade, buscamos traçar um panorama da Lingüística no século XX, para estabelecermos as diferentes abordagens sobre o fenômeno da linguagem no século em questão.

Assim, a lingüística é o estudo científico da linguagem. A palavra lingüística começou a ser usada em meados do século XIX para enfatizar a diferença entre uma abordagem mais inovadora do estudo da língua, que estava se desenvolvendo na época, e a abordagem mais tradicional da filologia. Weedwood (1995, p.9).

Na lingüística do século XX, vamos nos deparar com a mesma diversidade existente nos séculos anteriores, no que se refere à abordagem dos fenômenos da língua e da linguagem.

Duas fontes norteiam os trabalhos lingüísticos no século XX: Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky. Neste trabalho, destarte a importância de Noam Chomsky, iremos nos concentrar nos estudos de Ferdinand de Saussure.

Ferdinand de Saussure é considerado o iniciador do Estruturalismo, com a obra “Curso de Lingüística Geral”, publicada em 1916. O Estruturalismo propunha abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantêm com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura da língua. No Curso de Lingüística Geral, Saussure analisa a língua sob dois aspectos: diacrônico (variação da língua em função do tempo) e sincrônico (variação das estruturas da língua em um determinado tempo). Para ele o signo lingüístico é composto simultaneamente de dois componentes: significado e significante.

Saussure opõe a “língua” a “fala” (escrita ou oral), ou seja, ao conjunto virtualmente infinito dos enunciados singulares produzido pelos indivíduos que pertencem a uma comunidade lingüística. Por conseguinte, a “fala” está simultaneamente a montante e a jusante da “língua”: para descobrir a “língua”, o lingüista constrói os seus *corpus* com a “fala”, mas essa “língua” é logicamente anterior a essa “fala”, uma vez que o sistema precede os enunciados que tornam possíveis. Maingueneau (1997, p.46-47).

Assim sendo, conforme o exposto constatamos, a importância do curso de Saussure para a lingüística, cuja temática influenciou muitos lingüistas no período entre as I e II grandes guerras. Nos EUA, por exemplo, Leonard Bloomfield desenvolveu sua própria versão de Lingüística Estrutural, assim como fez Louis Hjelmslev na Escandinávia. Na França, Antoine Meillet e Émile Benveniste continuariam o programa de Saussure.

A lingüística estrutural, desde Saussure, contrapõem-se à tradição filológica do final do século XIX, que considerava, basicamente, a perspectiva diacrônica. A lingüística do século XX é marcada pela perspectiva sincrônica que permite analisar a língua sob vários aspectos: o informal, o prescritivo, o valorativo, o emotivo e inclusive o temporal.

No entanto, o estruturalismo lingüístico se apoiava essencialmente na fonologia, campo de atuação privilegiado para o teste de comutação; definiu a língua como sistema de diferenças entre signos, reduziu a diversidade das propriedades das línguas naturais e, na ausência de uma teoria da frase, não foi capaz de elaborar uma verdadeira sintaxe. Maingueneau (1997, p.50)

Assim sendo, na segunda metade do século XX, a lingüística progrediu, em vez de se preocupar com a estrutura abstrata da língua, com seu sistema subjacente (com a *langue* de Saussure e a competência de Chomsky), muitos estudiosos começaram a estudar os fenômenos mais diretamente ligados ao uso que os falantes fazem da língua, surgindo, assim, grandes campos de investigação em níveis que ultrapassam a fase estruturalista e gerativista da lingüística.

Em seguida comentamos sobre o escritor Mário de Andrade, por ser o mesmo, o idealizador do Movimento Modernista, acontecido na década de 20.

2.2. Mário de Andrade Vida e Obra



Figura 1: Mário de Andrade – autor do projeto da “Gramatiquinha”

Poeta maior, de grande importância para a Literatura. Foi o mentor da Semana de Arte Moderna. Sua contribuição aos estudos lingüísticos foi à idealização da “Gramatiquinha” da Fala Brasileira.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu na cidade de São Paulo no ano de 1893, e morreu no ano de 1945. Viveu em um período de grandes

transformações, tais como, a Primeira Guerra Mundial, Vanguardas Europeias etc. Todas essas transformações refletiram-se no escritor, de várias maneiras, direcionando-o de um modo descobridor construtivo.

Publicou, em 1917, seu primeiro livro sob o pseudônimo de Mário Sobral *“Há uma gota de sangue em cada poema”*. No ano seguinte, continuou escrevendo contos e poemas.

Lecionou História da Arte, História da Música e Estética no conservatório, local de sua formação pianística. Exerceu vários cargos públicos ligados à cultura. Por exercer funções tão relevantes, reconheceram-no, na época, como um dos melhores pesquisadores do folclore brasileiro.

Foi um dos maiores renovadores da cultura nacional na primeira metade do século XX e foi o organizador da Semana de Arte Moderna. Escritor-músico versátil e culto iniciou seus estudos de literatura bem cedo, por meio de críticas de arte que escrevia para revistas e jornais. Sua obra se estende desde a poesia até o romance e o conto, contemplando, praticamente, todos os gêneros literários.

Constatamos nas poesias, romances e contos uma nítida crítica social, tendo como alvo a burguesia e a aristocracia. No que se refere à poesia, podemos observar, em grande parte de sua obra, que é de cunho pessoal, complexa, profunda, marcada com símbolos, metáforas de difícil compreensão para aqueles que não tenham conhecimento mais profundo da realidade brasileira embora se faça presente.

Mário de Andrade, na sua obra poética, é plural, pois comprovamos a presença de aspectos múltiplos: a) poeta folclórico: sua poesia é o retrato de lendas e assuntos do povo; b) poeta que transfigura fatos cotidianos fazendo, destes, ponto de partida para aventuras poéticas; c) poeta de si mesmo; d) poeta criador de poética está sempre à procura de novos meios de expressão, para lançar-se a novas venturas.

O escritor dá voltas ao mundo haja vista tão grande variedade de temas tratado em sua obra tendo, como lugar de destaque, o Brasil.

Após o término da I Guerra Mundial em 1918, o Brasil se viu inserido num mundo bastante mudado. Esse acontecimento fez com que o país se adaptasse aos novos tempos.

Essas transformações despertaram um forte desejo, no escritor Mário de Andrade, de mostrar uma nova face do Brasil, de apresentar uma nova linguagem literária, mais brasileira. Ele lutou por uma língua brasileira que estivesse mais próxima do falar do povo, sendo comum, em seus textos, o início da frase com um pronome oblíquo, o uso de palavras como “*si*”, “*quasi*”, “*guspe*”, em vez de **se**, **quase**, **cuspe**. O brasileirismo e o Folclore foram de grande importância para o poeta. Em 1922, na sua cidade natal, começou a organizar a Semana de Arte Moderna que daria origem ao Movimento Modernista Brasileiro.

O objetivo da Semana era abolir por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão e, com este propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão.

Mário de Andrade, por sua vez, estudava incansavelmente o homem brasileiro, seu modo de ser, seus costumes, desejos, o seu jeito de andar e falar. Ele valorizou a superior unidade lingüística brasileira, sem renegar a sua variante brasileira e esclareceu *a língua é a manifestação concreta do temperamento psicológico e cultural de um povo*.

É essa unidade superior da língua portuguesa dentro da sua natural diversidade que nos cabe preservar como fator interno de unidade nacional do Brasil e Portugal e como elo mais forte da comunidade luso-brasileira. Cunha (1975, p.43)

Mário de Andrade, em 1924, disse: “*estou escrevendo em brasileiro*”, ou seja, a única língua que a nação brasileira possui. Trata-se de uma língua que nunca foi imposta. E por meio do herói sem nenhum caráter (personagem de sua obra “Macunaíma”) ficcionava o drama da dualidade lingüística no Brasil que ele

pensara solucionar e considerava, quase sempre, missão primordial dos modernos.

A obra de Mário de Andrade compreende, praticamente, quase todos os gêneros literários. Escritor versátil escreveu incansavelmente poemas, poesias, crônicas, romances. Assim, iremos discorrer apenas sobre algumas de suas obras, consideradas, por nós, de suma importância para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Conforme já mencionamos, o escritor escreveu seu primeiro livro em 1917, "**Há uma gota de sangue em cada poema**", na primeira parte; temos uma coletânea de poemas cuja temática, em determinados momentos, faz referência à guerra; em "*Primeiro Andar*", segunda parte, deparamo-nos com uma série de contos que relatam fatos corriqueiros e fatos provavelmente vivenciados pelo escritor. E nesse momento que identificamos a escrita brasileira; em "*A escrava que não é Isaura*", terceira parte marcada pela presença das características da arte moderna.

Na obra "**Táxi e Crônicas no Diário Nacional**", temos uma coletânea de crônicas que retrata fatos do cotidiano da cidade de São Paulo, o escritor discorre sobre os vários poetas tais como José de Alencar, Murilo Mendes e, também, faz críticas sobre Ortografia e ao focalizar sobre a questão da fala brasileira.

A obra de maior importância para a literatura foi e ainda é até hoje "*Macunaíma*", escrita em apenas seis dias. Esta obra resulta de vários anos de pesquisa na mitologia indígena, no folclore, da observação dos costumes e a língua dos brasileiros. Apresenta uma narrativa inovadora, cujo personagem principal é Macunaíma, *o herói sem nenhum caráter*, que vive com a mãe e dois irmãos às margens do mítico rio Uraricoera.

Conforme já mencionamos, "Macunaíma, obra de extrema importância, representa o Modernismo no Brasil na sua primeira fase (1922-1928)". Só foi possível a realização desse livro, após longos anos de pesquisa sobre a mitologia indígena, o folclore e as várias observações dos costumes e a língua

dos brasileiros. Apresentamos algumas características do Modernismo Brasileiro evidenciadas em Macunaíma.

A obra não apresenta coerência no que se refere ao tempo, ao lugar, a ação e as personagens, uma seqüência lógica, fruto evidente da linguagem moderna. Com relação ao aspecto lingüístico, em especial no Capítulo IX, intitulado “Carta pras icamiabas”, Mário de Andrade satiriza o distanciamento entre a língua escrita e a falada: *“Ora sabeis que sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra”* (P.106).

Por esse comentário, ratificamos a intenção de Mário de Andrade em valorizar a língua falada, ou seja, a linguagem cotidiana, daí a idéia de escrever a “Gramatiquinha” da Fala Brasileira.

Ainda ao nos referir à língua, é notório em Macunaíma “o vocabulário regional de todos os pontos do Brasil”. Com suas frases feitas e provérbios de propriedade coletiva, Sem dúvida, considerado um dos principais valores do livro e exatamente esse folclore lingüístico, se é que podemos denominar assim.

É freqüente na obra o uso de expressões como: __Meu avô, dá caça pra mim comer? (pg.20) “__Minha vó, da aipim pra mim comer?” (pg.21) “__ Me acudam que sinão eu mato! Me acudam que sinão eu mato” (pg.28).

Nosso próximo assunto, será, fornecer informações sobre o filólogo Said Ali que influenciou Mário de Andrade em seus estudos lingüísticos.

2.3. Said Ali Vida e Obra

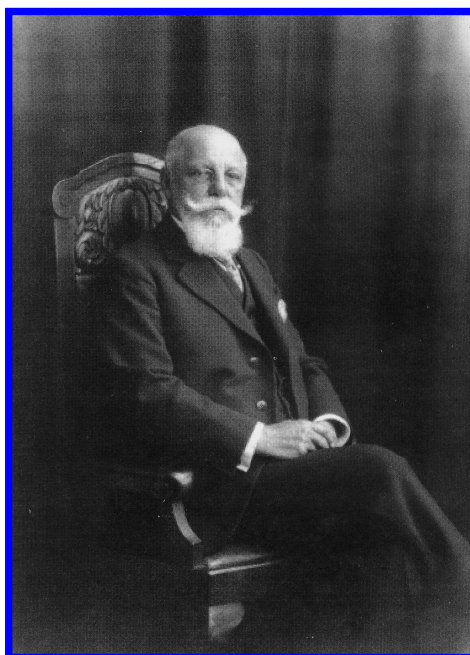


Figura 2: Manuel Said Ali – “A Gramática Secundária”

Considerado o maior Filólogo, o maior sintaxista da Língua Portuguesa, deixou-nos obras de grande importância.

Manuel Said Ali nasceu em 21 de outubro de 1861, em Petrópolis, na então Província do Rio de Janeiro e morreu na cidade do Rio de Janeiro, ainda a Capital Federal, a 27 de maio de 1953.

Said Ali foi um autodidata e leu, no original, sem orientação de mestres ou de cursos especializados, obras essenciais em sua época para a formação de um especialista: Hermann Paul, Gabelenz, Miklosisch, Brugmann, Delbrück, Sievers, Sweet, Victor Henry, Bourdon, Marty, Bréal, Passy, Whitney. ALLI, (2001)

Sua dedicação e curiosidade a respeito dos fatos históricos da língua portuguesa formaram inúmeros discípulos do mais alto valor para os estudos da linguagem do Brasil. Said Ali era amigo íntimo de Capistrano de Abreu, historiador e lingüista. Ambos eram pesquisadores exímios e um encontrou apoio e fortalecimento no outro. Foram educados na ciência filológica alemã, onde o rigor existia em tudo: na averiguação, nas referências, na documentação, na prova, no método, na teoria, na concepção dos trabalhos. Observaram a frieza com que os professores e compêndios ensinavam a

língua materna, a par de teorias que nunca tinham sido demonstradas, conforme Bechara (1954, p.165-175 apud Ali, 1966)

Estudou em sua cidade natal, até se transferir para o Rio, com cerca de 14 anos, trabalhando então na livraria Laemmert. Iniciou os estudos de medicina, tendo abandonado o curso no 3º ano, por dificuldades financeiras. Said Ali tinha um grande interesse pelos estudos da botânica, história natural e zoologia. Foi professor de Alemão, da Escola Militar e do Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II), e lecionou, também, Francês, Inglês, Geografia e alemão em outros Colégios.

Said Ali, escreveu vários artigos de Crítica Literária para jornais e revistas e é considerado um dos maiores estudiosos da Língua Portuguesa e deixou-nos uma vasta coleção de obras importantes.

As obras do mestre Said Ali são várias, porém vamos discorrer apenas sobre aquelas que ora julgamos de maior importância para nossa pesquisa, por focalizar o estudo da colocação dos pronomes átonos.

Em 1908, publicou **“Dificuldades da Língua Portuguesa”**, em que trata de assuntos como o infinitivo pessoal ou verbos sem sujeito, sob uma perspectiva psicológica em detrimento do estudo normativo. Assim, declara “o elemento psicológico como fator importantíssimo das alterações da linguagem”, com o auxílio do qual se pode evitar “a tortura das regras fixas ou a bateria de teorias promíscuas e contraditórias”. Devido às suas interpretações psicológicas e ousadas, sobre afirmações populares do tipo “vende-se casas”, mostrando que o povo não considera sujeito o substantivo “casas”, deu ensejo a réplicas ferozes como a de Othoniel Motta em o pronome “si”, em 1916. (VIARO sd apud Ali, 2001, p.9).

Em 1921, publicou a obra **Lexeologia do português histórico**. Nessa obra sentiu a necessidade de consultar diretamente as fontes e ratificar que “é a psicologia elemento essencial e indispensável à investigação de pontos obscuros”, colocando, no mesmo patamar das leis fonéticas, a memória e a analogia.

A obra **“Meios de Expressão e Alterações semânticas”** foi publicada em 1930 e deu ao professor Said Ali o prêmio: “Francisco Alves” de

1927, considerada a melhor obra sobre Língua Portuguesa. Nesse livro, Said Ali, fala sobre a importância da mímica, intitula-se “lingüista”, utiliza com naturalidade termos como: “discurso”, “símbolo”, “fonema” e “dêitico”. Viu com ceticismo a “pureza da língua dos escritores chamados clássicos” e alertou sobre a importância de um estudo histórico, não só para fonemas e formas gramaticais, mas também para a semântica, estudo que está ainda por ser feito em língua portuguesa.

A “**Gramática Secundária**” é a obra didática mais significativa do ponto de vista sincrônico que apareceu no Brasil, quiçá em língua portuguesa, de quantos compêndios no gênero até agora escritos. As poucas concessões feitas em suas páginas procuram atender apenas à orientação histórica que norteava o ensino do idioma, e que ainda hoje não está de todo posta de lado, convicta de que, como ensinava um neogramático do valor de Hermann Paul, “não há outra perspectiva científica da língua senão histórica”. (Bechara sd apud Ali, 2006, p.14-15)

Após as referências sobre os autores Mário de Andrade, M. Said Ali e obras consideradas, por nós, as mais significativas para a pesquisa, passamos ao terceiro capítulo.

3. CAPÍTULO III

OS TEXTOS EM QUESTÃO: A “GRAMATIQUINHA” E GRAMÁTICA SECUNDÁRIA.

Neste capítulo, seguiremos o princípio da imanência, fixando-nos no projeto da “Gramatiquinha” e a na *“Gramática Secundária” de Said Ali*. Para abordagem dos textos selecionados, partimos de duas categorias que guiarão os passos analíticos, a saber: 1) aspectos da brasilidade; 2) aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal.

3.1. A “Gramatiquinha” de Mário de Andrade

Ater-nos-emos neste momento, à obra que temos como foco: em primeiro lugar, enfocaremos as questões referentes à brasilidade mencionando que o poeta estudou, com dedicação, clássicos da língua portuguesa como: Frei Luís de Sousa, Garret, Camões, Castelo Branco, Latino, Vieira, Castilho etc., podendo, a partir daí, perceber as diferenças existentes entre o Português Europeu e o Português Brasileiro.

Assim sendo, notamos que Mário de Andrade sabia escrever de acordo com o Português Lusitano e que escrever em “brasileiro” era a sua contribuição pessoal para codificação futura do brasileiro. Ninguém poderia jamais flagrá-lo em erro, pois era o seu estilo pessoal. Passamos, então, para as análises, iniciando com a categoria 1.

3.1.1 Aspectos da brasilidade

Neste item, centrar-nos-emos na primeira categoria abordada em nossa análise. Inicialmente buscamos em: (Mário sd apud Pimentel, 1990, p.322) a afirmação:

Com exceção duns trinta ou quarenta os doutores não falam a língua oficial nem nenhuma língua. Língua é o instrumento mais ou menos plausível com que a gente matuta. Língua é uma expressão espontânea do homem e ordenada unicamente pelas precisões inconscientes da fisiopsicologia humana.

Na verdade, os doutores não falavam e nem escreviam a língua oficial e quando pronunciada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa é uma

coisa falsa, desonesta. Mas a língua gramatical portuguesa, quando adotada pelo governo e pelos literatos do Brasil, é linda e rica se pronunciada do jeito lusitano e escrita por escritores lusitanos.

A “Gramatiquinha” foi a idealização de um livro de ficção e ninguém não aprende gramática nele, é lógico. (Andrade sd apud Pimentel, 1990, p.325). A escrita nunca foi igual à fala; cada qual tem suas regras especiais, isto é, a fala é desprovida de planejamento e a escrita, antes da sua realização, é planejada. Trata-se de um livro para os que já sabem a gramática e não para grupos escolares. Mário de Andrade, ao pensar em escrever a “gramatiquinha”, tinha a intenção de apresentar um estilo literário que perpassasse pelas raízes findas nas expressões do povo.

O escritor, a todo o momento, fez questão de afirmar e reafirmar que não tinha pretensão nenhuma de criar a língua literária de deveras brasileira, pois sabia até onde poderia chegar. A idéia era identificar a língua humana como a língua geral, aquela que todos os brasileiros falavam.

Mário de Andrade acreditava que se o governo entregasse a normalização sintática contemporânea a um grupo de homens de valor (valor lingüístico), tais como: Mário Barreto, João Ribeiro, Amadeu Amaral, que pesquisassem no falar brasileiro certas determinações fraseológicas mais ou menos gerais que pudessem ser estabelecidas como normas de sintaxe nossa, facilitaria a aceitação popular dessas normas para os semicultos que eram a maioria.

O importante era ser brasileiro, sentir, pensar, agir exprimir-se naturalmente como brasileiro sem ter que ignorar Portugal, apesar da descendência portuguesa, da qual muitos costumes e muitas expressões, vieram de lá.

Era preciso que se tivesse a coragem de falar brasileiro sem se preocupar com a gramática de Lisboa. Mário de Andrade também afirma que seu trabalho não foi leviano, mas sério. Seu intuito era dar para o seu povo um estilo novo, normas que o deixasse organizado, possibilitando futuramente normas gerais para a fala oral transitória e vaga, além da estilização erudita da linguagem oral.

Percebemos que, em nota de Pimentel (1990, p.64), que o escritor adquiriu conhecimentos relativos à pesquisa de campo, ele menciona a língua nacional

e diz que todas as observações e pesquisas sobre a língua nacional devem ser feitas exclusivamente entre pessoas das classes proletárias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que primam em falar certo, ou seja, importam-se excessivamente em verificar e apontar as regras referentes ao bem. Estas pessoas “culteranistas”, por desatenção momentânea, pecam contra o Português de Portugal ou das gramáticas.

Na verdade, Mário de Andrade aconselhava que se devesse levar em conta não só o falante, mas também o momento em que se realizaria o ato da fala e diz:

(Andrade sd apud Pimentel, 1990, p.346-348)

O Congresso de língua nacional cantada trouxe contribuições da Sociedade de Etnografia e Folclore que apresentou os primeiros mapas geográficos de Lingüística organizados no Brasil com método científico e da Discoteca Pública que apresentou uma coleção de dezesseis discos de pronúncia culta e inculta das oito regiões fonéticas do Brasil.

O Congresso tinha por finalidade dois destinos principais: expor aos brasileiros dentre as suas pronúncias regionais, qual a preferível para ser usada no teatro, no canto e na declamação eruditos do país e quais as normas de pronúncia dessa língua-padrão quando cantada. Perto de setenta congressistas, representando quase todos os Estados da Federação, escolheram a pronúncia carioca para língua padrão.

O escritor comentou que a pronúncia padrão escolhida não tinha agradado a todos, (filólogos, professores de canto), mas que teriam de acatá-la, pois fora determinação do Congresso. Deveriam, pois, esperar por um período de cinco anos seguidos ao momento de realização, no Rio de Janeiro, do Segundo Congresso da Língua Nacional cantada, em que fariam a revisão geral dos trabalhos realizados no primeiro.

De conformidade com Mário de Andrade, nossa fala oral brasileira é diferente da fala portuguesa. Os escritores puristas acostumados à fala e à escrita cultas (adquiridas na escola e no convívio dos livros), quando a viram de outro jeito

escrito acharam-na, feia. O poeta escrevia **pra** ao invés de para. Muitos estudiosos interrogaram-no dizendo que jamais falaria **pra**, porém ele tinha certeza de que a dicção **pra** era geral não só entre os brasileiros, mas também entre os portugueses. Em relação à colocação do pronome enclítico cada um deve dar regras a si mesmo.

Esse acontecimento prende-se ao fato de não se ter, ainda, uma fala brasileira distinta, o que significa que tudo se resumiria a fenômenos pessoais, pois cada um fala de um jeito.

Mário de Andrade, para iniciar a composição da “Gramatiquinha da fala brasileira”, precisava estabelecer um plano e uma metodologia. De acordo com Pimentel (1990, p.66-67), o escritor não chegou a organizar uma metodologia e em algumas notas tratou de exemplificações, informando o critério geral: somente abordar o que devesse ser reformulado.

O plano foi a preocupação maior de Mário de Andrade, pois ele aderiu como modelo para a “Gramatiquinha da fala brasileira” a “Gramática Secundária” de Said Ali. A partir dessa adesão pelo escritor, a obra passou a ter uma estrutura denominada de índice, dividida em partes e subdividida em capítulos enumerados. Segundo Pimentel (1990, p.67-68):

(...) como o plano não fora sugerido pelo próprio material destinado à obra, mas por um modelo do gênero gramática, o aproveitamento desse material seria restrito. Deixando de ser uma obra de campanha, cujo desalinho seria consequência da paixão, em que todo excesso, todo desvio, se justificaria pelo calor do empenho, a organização deveria pautar-se por preceitos e critérios específicos; e os claros, deixados pela insuficiência de um material colhido anteriormente à adoção do plano, preenchidos com idéias e dados pertinentes, ainda que esse plano fosse apenas um roteiro destinado a amarrar comentários críticos descontínuos.

O autor justificou a descontinuidade desses comentários, fazendo anotações (notas marginais), em determinados pontos do seu exemplar da “Gramática Secundária” de Said Ali, o que elucidava que a “Gramatiquinha da fala brasileira” não podia ser concretizada como uma gramática, pois se constatava discordância em relação à “Gramática Secundária” o que confirmava, assim, “A Gramatiquinha” como obra de ficção voltada para àqueles que já conheciam a gramática e não para os leigos.

Pelo caráter fragmentário e desconexo dos rascunhos e da marginália, sabia-se que esse material não iria servir para a elaboração da estrutura da obra, apenas funcionaria como apoio documental.

A manutenção do modelo de Said Ali representava, pois economia do esforço, inclusive porque poderia ser facilmente subsidiado por autores acessíveis, como Eduardo Carlos Pereira, Mário Barreto, João Ribeiro, Amadeu Amaral, J.J.Nunes, Silva Ramos, todos citados nos rascunhos para a “Gramatiquinha”; e provavelmente, também por autores não citados, mas, por certo, conhecidos como Antenor Nascentes e Sousa da Silveira, de acordo com Pimentel (1990, p.70)

Ratificamos, assim, conforme já apontado no início dessa explanação, a seriedade e a responsabilidade que Mário de Andrade teve ao estudar incansavelmente os assuntos relacionados à Língua Portuguesa, embora não tivesse conhecimentos filológicos para a elaboração de uma “Gramática da fala brasileira”:

“Esta é a primeira vez em que me sinto verdadeiramente tímido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste” (Andrade sd apud Pimentel, 1990, p.46)

Apesar de o material colhido por meio de oitivas, anotações em folhas avulsas, viagens ao Amazonas, Nordeste etc., não ter se transformado no livro que durante, aproximadamente, trinta anos foi idealizado e anunciado pelo escritor, esse foi o projeto maior do mentor da Semana de Arte Moderna que, infelizmente, não conseguiu concretizar.

Numa troca de correspondência com Manuel Bandeira, Mário de Andrade dizia ao amigo que escrever a “Gramatiquinha da fala brasileira” não era tarefa para

apenas um homem só, pois precisava da colaboração de outros estudiosos que tivessem conhecimentos filológicos para a realização de seu intento.

Na verdade, o projeto não foi terminado por Mário de Andrade. A ele, coube a coleta de dados, notações e anotações da gramática e organização do material em pastas. Passaremos, agora, à segunda categoria da análise.

3.1.2 Aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal

Neste item, apresentamos em primeiro lugar: a) a descrição e a periodização do material. Em segundo lugar b) mostramos a organização da obra de Mário de Andrade para, ao final, apontarmos c) as posições de Mário de Andrade em relação ao conceito, à divisão e ao uso dos pronomes.

a. Descrição e periodização do material.

O material destinado para composição da “Gramatiquinha” está distribuído da seguinte forma: i) Notas Marginais de Mário de Andrade de caráter lingüístico; ii) Algumas observações escritas nas páginas de livros de propriedade do escritor; iii) Documentos diversos.

O escritor idealizou escrever a gramática da fala brasileira durante o período de 1922 a 1925,. a coleta de dados ocorreu de 1925 a 1926. Ainda em 1925, solicitou a Manuel Bandeira que pedisse a Sousa da Silveira, uma lista de obras fundamentais para seu estudo, mas somente a recebeu em 1927. Em 1931 desiste do projeto da “Gramatiquinha”.

Mário de Andrade organizou o material da seguinte forma: Uma caderneta intitulada Língua Brasileira, oito envelopes contendo documentos todos rubricados “Gramatiquinha”, seguindo-se um subtítulo específico e numerados de 12-A a 12-I, porém faltando 12-D; outras notas: 1,2,3,4,7A, 10, 11,13 ,14 18 ,19 20, 21, 23, 24, 30 etc.

Dentre as notas marginais destacou-se, em especial, o exemplar da “Gramática Secundária” de Said Ali, pertencentes ao escritor, cujas anotações eram de extrema importância dado o caráter lingüístico apresentado nas páginas (na marginália), que daria suporte para a escritura do tão idealizado projeto.

Com relação às outras notas, as informações estavam contidas em outros livros, por exemplo, na obra “O Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral, cujo conteúdo referia-se a quase toda parte do vocabulário, e a classificação era de caráter léxico-semântico. Nos livros restantes, as notas traziam informações diversas, tais como: autógrafos, rubricas.

Assim sendo, os documentos selecionados por Mário de Andrade pertenciam a terceiros, tratavam-se de cartas, bilhetes, artigos de jornais em recorte ou em cópia, anúncios comerciais em folhas volantes e similares. Pimentel (1990, p.23).

Ressaltamos que, a maioria desse material mencionado, constituía-se em notas que não estabeleciam coerência, não tinham uma seqüência cronológica, pois havia muitas lacunas o que dificultava a elaboração do tão idealizado projeto, embora essas notas estivessem numeradas, davam a impressão de que havia organização, de forma que atendesse a feitura do projeto.

Em princípio, conforme já mencionado na introdução, a “Gramatiquinha” tendia para a composição de um texto interpretativo, mas Mário de Andrade, ao aprofundar seus estudos na “Gramática Secundária” de Said Ali, conscientizou-se de que a marginália por ele anotada, poderia ser organizada de forma que o texto da “Gramatiquinha” não mais seria um texto desalinhavado e sim constituir-se-ia em um texto cujo discurso seria livre sobre gramática de forma organizada a atender seu objetivo: “A escritura da gramática da fala brasileira.”

A seguir passamos a organização da obra.

b. Organização da Obra de Mário de Andrade

A obra de Mário de Andrade organiza-se de acordo com o exposto abaixo.

Índice da "Gramatiquinha".

ÍNDICE	
Introdução	Cap. I
FONOLOGIA	
Fonética	Cap. II
(um só capítulo)	
Prosódia	Cap. III
Ortografia	Cap. IV
(É melhor (sic) tudo num só capítulo)	
LEXEOLOGIA	
Palavra	Cap. V
Substantivo	Cap. VI
(substantivo propriamente dito)	
Pronome	
Verbo	Cap. VII
(substantivo verbal)	
Adjetivo	Cap. VIII
(substantivo qualificativo)	
Advérbio	Cap. IX
Interjeições	Cap. X
Partículas sintáticas	Cap. XI
Artigo	Cap. XII
Partículas determinativas	Cap. XIII
(adjetivos determinativos)	
Numerais	Cap. XIV
Preposições	Cap. XV
Conjunções	Cap. XVI

Formação de palavras	Cap. XVII
SINTAXE	
Dicção e seus elementos	Cap. XVIII
Frase	Cap. XIX
Emprego de substantivo	Cap. XX
Psicologia do pronome	Cap. XXI
Psicologia da ação	Cap. XXII
(verbo)	
Psicologia do limite	Cap. XXIII
(adjetivo advérbio)	
Psicologia das partículas sintáticas	Cap. XXIV
Pontuação	Cap. XXV
ESTILÍSTICA	
Frase ou Verso	Cap. XXVI
Figuração	Cap. XXVII
Vícios	Cap. XXVIII
Prosa e Poesia	Cap. XXIX
Psicologia da Fala Brasileira	Cap. XXX

No rascunho do **Prefácio**, Mário de Andrade confessou que se sentia tímido, ao escrever um livro na incerteza de sua validade. Ratificou que naquele momento estava sendo muito corajoso ao propor um livro de tal responsabilidade (a gramática da fala brasileira), acreditando que outros, ou seja, os especialistas da língua portuguesa é que deveriam encarar tal empreitada.

O escritor muito estudou a língua portuguesa, mas reconheceu que para a realização de tal intento, precisava ser especialista no referido assunto. Ninguém se encorajou a fazê-lo, porém Mário de Andrade começou a colher dados para a confecção do tal livro.

Esclareceu que não seria um livro técnico e nem para técnicos. Era necessária a elaboração de um livro totalmente desprendido de regras convencionais, pois

tinha intenção de apresentar soluções para o problema da variação lingüística da língua portuguesa.

Acreditava que se outros estudiosos também fizessem a sua parte, pesquisando o elemento brasileiro durante, aproximadamente, vinte anos, a civilização atual já falaria e escreveria concorde com a nação brasileira. Em seguida comentaremos a estrutura do projeto da “Gramatiquinha”.

A **introdução** é chamada de Capítulo I. Mário de Andrade tece considerações argumentando que se trata de uma língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades, nem os ideais do povo brasileiro.

Essa língua oficial a que ele se refere é a Portuguesa que de cinco em cinco anos é reelaborada pelos legisladores lusitanos. O escritor menciona que a língua gramatical, adotada pelo governo, é linda, rica quando pronunciada e escrita por escritores lusitanos, mas falada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa torna-se falsa, desonesta e feia.

Ainda nesse primeiro capítulo, prossegue discorrendo sobre outras línguas, mas sempre enfatizando a língua brasileira. Na realidade, tomamos como uma exposição dos pensamentos de Mário de Andrade em relação à credibilidade da existência da fala brasileira que homens de valor (os grandes lingüistas), apenas a reconheciam, porém não tinham “coragem” de reconhecê-la a ponto de escrever um livro que tratasse da sua sistematização.

O capítulo seguinte, diz respeito à **Fonologia** que compreende: **Fonética** capítulo II; **Prosódia** capítulo III e **Ortografia** capítulo IV.

Com relação à **Fonética** e a **Prosódia** eram dois conteúdos que o escritor não separava, mesmo apresentados sob forma de rascunhos, dada a sua atuação no campo da Música. Em especial, Mário sentia-se atraído pelos estudos da fonética Experimental apesar de sua falta de qualificação para enfrentar tal empreendimento, mas mesmo assim colhia materiais do tipo: um anúncio publicado no jornal português sobre Laboratório de Fonética Experimental, cujos estudos já eram discutidos pelo escritor Amadeu Amaral.

A compreensão, sob todos os aspectos, da Fonética e da Prosódia seria de grande valia para as suas atividades musicais. Intencionava elaborar um vocabulário musical, mas para isso precisava reunir músicos e conhecedores profundos da nossa fala, aproveitando, talvez, esses estudos para compor a “Gramatiquinha”.

A falta de preparo de Mário de Andrade para tal tarefa, e sentindo a necessidade de colocar suas idéias em prática, desviou o enfoque dos estudos do vocabulário musical para a pronúncia visando a “dicção cantada”.

Nesse sentido, o autor ajudou a organizar o Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Nacional Cantada, cujo propósito estava vinculado às atividades artísticas – o canto erudito, o teatro, a declamação – mas abria-se espaço para a pronúncia culta. O evento acolheu comunicações das mais variadas espécies. Mário de Andrade manteve-se no setor de sua especialidade: relacionando música e língua.

O material colhido do Congresso seria, para Mário de Andrade, de grande utilidade para a continuidade dos estudos da fala brasileira, por isso foi anexado aos outros materiais que, provavelmente, deveriam ser parte da composição da “Gramatiquinha”.

Assim sendo, o escritor apenas selecionou materiais que julgava abrangerem os principais traços fonéticos da fala brasileira (artigos publicados em jornais e textos de autores como Amadeu Amaral que tratavam do referido assunto). A deficiência de informação específica sobre Fonética/Prosódia não lhe permitiu a escritura de um texto que pudesse elucidar os referidos conteúdos.

Sobre as questões da **Ortografia**, Capítulo IV, assunto muito discutido por especialistas e também por pessoas despreparadas, Mário de Andrade fez adequações nas notas para a “Gramatiquinha” que observamos aparecerem esboçadas em quatro regras para uso do hífen.

De acordo com PIMENTEL (1990, p.122), Mário de Andrade, respondendo a uma carta a Carlos Drummond de Andrade, tomava a iniciativa de alterar a ortografia portuguesa por ele mesmo. Por exemplo, grafias como **exacto** e **contractar** retirava-se o **c** e a grafia da palavra ficava adequada ao uso brasileiro.

Essas modificações, feitas pelo escritor, colocavam-no numa posição individualista, mas não era um individualismo absoluto, pois não consagrava certas grafias por sua “plástica”, apenas estava mostrando a escrita brasileira, não se esquecendo das fortes ligações com a tradição, ou seja, a maneira de escrever conforme os ensinamentos de Portugal.

As formas **si**, **sinão siquer**, **quasi**, **milhor**, **milhorar**, **milhormente**, **chacra**, **abobra**, **iguinorante**, **adimitir** e equivalentes estão documentadas em notas de leituras e correspondiam à pronúncia brasileira.

Ainda no tocante à Ortografia, nas notas para a “Gramatiquinha”, acrescentavam-se apontamentos sobre acentuação que, provavelmente, se fosse elaborado o texto, o modelo a ser seguido seria o da “Gramática Secundária” de Said Ali.

A **Lexeologia** foi explicada do capítulo V ao capítulo XVII. O capítulo V é referente à Palavra. Mário de Andrade fez a distinção entre a palavra e, as assim chamadas por ele, partículas sintáticas que são as preposições, conjunções, os artigos e os adjetivos determinativos. Há também a divisão da palavra, ou substantivo em diretos ou ditos; pronominais; qualificativos; verbais ou dinâmicos; modificadores ou adverbiais. Segundo Pimentel (1990, p.149-50)

Comenta que a maioria dos gramáticos da época considerava como “partícula” um vocábulo de pequeno porte, geralmente monossilábico, que exerce função sintática ou estilística, e gramaticalmente se classifica como preposição, conjunção ou advérbio, Mário de Andrade, de tal forma amplia o conceito, e tanto hesita na delimitação de sua abrangência, que não chega a qualquer definição.

Na opinião do escritor partículas eram elementos constitutivos tanto de palavra (sufixo), quanto de frase (partículas sintáticas e partículas determinativas).

Em relação à divisão proposta, ao que parece, o escritor buscou ajustá-la aos moldes da “Gramática Secundária” de Said Ali apenas na sua estrutura, pois não há sustentação teórica devido às incertezas que transparecem nos seus escritos ao tentar formular regras.

Passamos ao capítulo VI, cujo título é o substantivo. Mário de Andrade define: pronomes são subdivisão dos substantivos. Todos os substantivos são

abstratos em si, são universalizações. Os termos só se tornam concretos, quando particularizados.

Essa afirmação de que todos os substantivos são abstratos em si são universalizações não condiz com a subclassificação tradicional: substantivos concretos e abstratos, substantivos próprios e comuns, substantivos primitivos e derivados, substantivos simples e compostos e, finalmente, substantivos coletivos.

Mário de Andrade justifica esse procedimento, dizendo que não estava sendo contrário à divisão gramatical tradicional, mas apenas fazendo a Psicologia da palavra como entidade universal e entidade particular.

Com relação ao item **Pronome**, não há nenhuma anotação. É possível que o escritor ainda não tivesse encontrado uma “definição” que pudesse melhor se enquadrar ao uso brasileiro. É certo que, ao se apoiar na “Gramática Secundária” de Said Ali, ele “renuncia” a certos pontos de seus ideais inovadores relacionados à nova condição, ou melhor, à “nova nomenclatura” (nova denominação concorde com a “norma” brasileira), em favor da tradição gramatical, por ser “mais clara e eficiente”.

No capítulo VII, reservado para o **Verbo** ou substantivo verbal, verificamos que Mário de Andrade, embora tendo como apoio a “Gramática Secundária”, não se prendeu a ela e elaborou suas próprias explicações a respeito do assunto.

(Substantivo verbal) apresenta poucas explicações sobre a conjugação dos verbos saber e poder, todas as observações se referem a verbos pronominais, incidindo sobre a supressão do pronome e suas implicações. Pimentel (1990, p.163).

Assim sendo, aparece como “exemplo” o verbo saber conjugado: **sube, soubeste, soube, soubemos** etc. Atentando para a primeira pessoa do singular que, ao invés de **soube** foi grafado **sube**, e **poude** ao invés de **pôde**, podemos dizer que essas formas são comuns nas obras literárias já divulgadas do escritor.

O **Adjetivo**, no **capítulo VIII**, foi denominado **Substantivo Qualificativo**. Nesse capítulo, Mário de Andrade fez reflexões sobre as regras estabelecidas na “Gramática Secundária” de Said Ali no que se refere ao adjetivo e vai “adequando” “suas regras” conforme o uso brasileiro.

Exemplos:

Said Ali “Na maioria dos casos os adjetivos substantivados aludem a seres humanos”.

Em Mário de Andrade, “**o velho** (pai) **a velha** (mãe) é substantivo em fala brasileira”.

Said Ali trata de “Superlativo intensivo”, e manda “antepor ao adjetivo a palavra **muito**”.

Mário de Andrade acrescenta: “**por demais**”.

Acreditamos que a expressão “**por demais**” está de acordo com o uso brasileiro.

O **Advérbio**, no capítulo IX, assim se caracteriza:

A inserção desse estudo logo a seguir ao dos adjetivos está coerente com a concepção do advérbio como nome: trata-se de um “substantivo modificador” “uma entidade modalitativa e modificativa”. Pimentel (1990; 170).

Além da observação citada, não há texto escrito sobre o advérbio.

A **Interjeição** no capítulo X, conforme (Andrade sd apud Pimentel, 1990, p.171-172)

“... a interjeição é o único remanescente esporádico da linguagem primitiva e que permaneceu nas línguas organizadas para expressar os casos de sentimento intenso (...)” ““(...) a interjeição não tem qualificação nem classificação relacional dentro da frase (...)” “(...) permanece infinitamente variável, subjetiva, e individualística e também universal (...)” “(...) é a única parte do discurso que tem significação internacional por isso mesmo que isenta de organização”.

“Por vezes ela tenta tomar caráter nacional ou simplesmente regional como em Puxa! Puta vida! Etc., etc. Mesmo aí ela é de significação internacional dada à flexão oral intensiva que a realiza, porém mesmo essas interjeições lingüísticas estão, por assim falar fora de organização lingüística. Nas linguagens organizadas a interjeição foi transformada intelectualmente em frases de caráter interjectivo, de admiração, de espanto, raiva etc.”.

Por meio dessas afirmações, percebemos que as idéias de Mário de Andrade em relação à Interjeição ainda não estavam amadurecidas.

O capítulo XI refere-se às **Partículas Sintáticas** que, segundo Pimentel (1990, p.172-173).

Assim chamadas, partículas sintáticas, ligaduras, elos de entidades, sufixos locucionais são morfemas de frase, pois correspondem comumente a preposições e conjunções; eventualmente também aos artigos e determinativos. Já as partículas categorizantes, são morfemas de palavra.

As partículas sintáticas foram abordadas assiduamente pelo escritor que as considerava como verdadeiros morfemas. Em nota, o escritor orienta-nos a consultar a definição de morfema em *Philosophie du Langage*, p.212, (obra consultada por Mário de Andrade, cuja autoria é do escritor Dauzat), da frase e não da palavra e complementou considerar a frase como entidade substantiva.

Sobre o **Artigo** no capítulo XII, não há explanações apenas exemplos de frases incompletas que omitiam o artigo(s):

Fui ver, casa estava fechada, a gente não podia entrar.

___ ... não pode continuar, galho quebrou...

sem o artigo pra “galho”

Conforme verificamos em Pimentel (1990, p.173-175), em outras notas, o escritor reserva um capítulo próprio para os Artigos, pois eles não poderiam ser inseridos entre as partículas sintáticas ou entre as partículas determinativas, uma vez reservado a elas, também, um capítulo à parte. Com relação aos exemplos citados poderiam ser aproveitados em textos literários.

No capítulo XIII, dedicado às **Partículas determinativas**, elas aparecem entre parênteses, também como capítulo XIII, (Adjetivos determinativos), que seriam estudados os possessivos, os demonstrativos, os relativos, os interrogativos e os indefinidos. Em seguida, há uma observação para que se consulte a “Gramática Secundária” de Said Ali na página 77, cujo conteúdo referia-se apenas ao estudo, dos adjetivos qualificativos e com relação aos adjetivos determinativos estão incluídos entre os pronomes que se subdividem em absolutos, ou pronomes substantivos; e adjuntos, ou pronomes adjetivos que exerciam função de adjetivos.

Por sua vez, confirma-se que Mário de Andrade, não aderiu, nesse ponto, à “Gramática Secundária” de Said Ali, pois para tanto deveria renunciar à inclusão dos determinativos entre as partículas sintáticas, sendo que o escritor nada

registrou sobre a questão, o que nos fez acreditar que ele rompeu com o modelo de Said Ali, para seguir os ensinamentos da Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, que lhe permitiu distinguir pronomes determinativos e adjetivos determinativos considerando-se aqueles como Palavras, ou seja, substantivos e estes como partículas, ou morfemas de frases.

Esse posicionamento justificou que Mário de Andrade estudava Eduardo Carlos Pereira, pois havia um lembrete para não esquecer os: “**Esse um**” e “**Aquele um**”, exemplos que estavam entre as formas compostas de adjetivos demonstrativos, citados na Gramática Expositiva, que o autor elucidou, ao invés de usar esses exemplos, se deveria utilizar os exemplos populares.

Portanto, constatamos que Mário de Andrade neste capítulo das partículas determinativas discordou de Said Ali e de Eduardo Carlos Pereira

Sobre os pronomes possessivos, Mário de Andrade dava preferência ao uso brasileiro conforme o modelo de Said Ali:

Abandonar quase por completo este emprego do “seu”

“Em nossa fala (na fala da gente)”

Outros tipos de pronomes: relativos, interrogativos e indefinidos, constam apenas em breves notas, ficando evidente a rejeição do uso do pronome “seu”.

O escritor empregava “**aonde, adonde**” como pronomes relativos. Conforme (Ali sd apud Pimentel, 1990, p.177)

“Há interrogativos absolutos e adjuntos. Os absolutos são quem, que se aplica a ente ou entes humanos, e que ou o que, equivalente de “que coisa”.

Mário de Andrade usa os dois **quem** e **que** juntos, a nosso ver, de acordo com esses apontamentos, Mário de Andrade estudou, sim, outros autores tais como: João Ribeiro, Mário Barreto, Vandryes e Dauzat, mas teve como base para a escritura do projeto da “Gramatiquinha”, a “Gramática Secundária” de Said Ali.

Ao confrontarmos o índice da “Gramática Secundária” e o índice da “Gramatiquinha”, podemos constatar a semelhança existente entre ambas. O capítulo da “Gramática Secundária”, dedicado aos pronomes serviu de apoio

para o escritor “criar” as suas próprias “regras”, ou seja, para estabelecer a aplicação do uso brasileiro.

Com referência aos **numerais**, **preposições** e **conjunções** (Capítulos XIV, XV e XVI), Mário de Andrade não incluiu os **numerais** entre os determinativos, não escreveu nota(s) sobre o assunto, mas reservou um capítulo próprio; sobre as **preposições**, verificamos constar uma referência à regência o que, provavelmente, significava remeter-se para sintaxe.

Ainda sobre as proposições o escritor sistematizou um traço seu, isto é, incluiu ao lado da preposição “**para**” a forma reduzida “**prá**” em decorrência de “**crase**”, pro prum etc., formas que empregou e defendeu.

A respeito das conjunções verificamos que assim como as preposições foram consideradas como partículas sintáticas ou morfemas de frase. O escritor não se aprofundou no assunto, apenas citou alguns exemplos (modelo uso brasileiro) que tudo indica foram colhidos de oitiva ou em leituras feitas.

Exemplos: “mas porém”; “promode”; “mesmo que” = “que nem” etc.

Esses exemplos acima citados constam de notas registradas pelo escritor de valor apenas documental.

O Capítulo XVII, Formação de Palavras, conforme Pimentel (1990, p.181):

(...) compreendia duas partes: Etimologia e Neologismos, incluindo-se entre as palavras transitórias. Neste contexto, a referência à Etimologia constante em nota (12G), mas rasurada em nota (12V), não corresponderia a um estudo histórico da formação do léxico, aspectos de que não há traços nas anotações de Mário de Andrade. As duas citações nota (12I) da gramática histórica Portuguesa [sic], de J. J.Nunes, se indicam estudo da matéria, indicam também a direção de seu aproveitamento: abonar conceitos e justificar posições assumidas por Mário de Andrade.

Observamos que na parte reserva à Etimologia, depois suprimida, foram possivelmente abordados os processos de derivação e composição de acordo com Eduardo Carlos Pereira (1907). Os neologismos e as palavras transitórias foram assuntos de muitas reflexões por parte do escritor: Pimentel (1990, p.181-182)

“Com prefixos como re (tornara) a (negação) aplicáveis a verbos, substantivos, adjetivos, a gente pode fazer um dilúvio de figurações expressivas que não são propriamente neologismos, são antes expressões do momento, sem valor vocabular registrável. Reamar = tornar a amar não é um novo verbo, porque o prefixo não criou uma palavra que falte propriamente à língua como o caso de repetir; é uma expressão de momento, expressão composta na realidade de duas palavras o prefixo “**re**” e o verbo “**amar**”. São expressões idiomáticas ocasionais e não palavras novas 12-V, 10.”

Neste capítulo, observamos que Mário de Andrade fez várias reflexões apoiadas na obra Mário Barreto, principalmente no do Dicionário da Gramática¹, no que referia aos neologismos (palavras transitórias), elucidamos que, apesar de Mário de Andrade não ter, ainda, consolidado suas idéias sobre o tema, o material por ele recolhido fazia jus aos propósitos de configurar a função expressiva caracteristicamente nacional.

Para Mário Barreto (1936 apud Pimentel, 1990, p.183):

“Neologismo é toda palavra que entra no léxico da língua para suprir uma carência, independentemente de se tratar de formação interna ou de interpretação. São, pois neologismos, em face do léxico padrão português, não só os estrangeirismos, mas também os brasileirismos e os regionalismos.”

Conforme sua afirmação, é sabido que Mário de Andrade não deixou nenhum texto específico a respeito do assunto, mas sim uma significativa documentação colhida de oitivas e pesquisas feitas nos livros de célebres lingüistas.

¹ 2ª Ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1936, p.87-88 in Pimentel (1990,p.194).

Essa documentação armazenada não se destinava exclusivamente à “Gramatiquinha”, embora para tal finalidade considerava-se pertinente, pois retratava fatos comprobatórios condizentes com a diferenciação da fala brasileira; destinava-se, também, à estilização literária, como se comprovou nas obras: “Macunaíma” e “Ensaio Sobre a Música Brasileira”, obras trabalhadas no mesmo período, com o mesmo tipo de material lingüístico.

Passaremos, agora, a discorrer sobre a **sintaxe** que é comentada do capítulo XVIII ao capítulo XXV.

O capítulo XVIII, intitulado A Dicção e seus Elementos, segundo Pimentel (1990, p201), diz:

“A inexistência de texto relacionado com este capítulo, abre via apenas para suposições. A primeira delas refere-se à segunda parte do título em 12-V: “Dicção e seus Elementos”. Se **Dicção** é **palavra** (dictio), não seria o estudos dos seus “Elementos” que caberia na sintaxe, mas sim o das “suas combinações”. Pode, portanto, tratar-se simplesmente de expressões imprecisas, comum em rascunhos como os textos destinados à “Gramatiquinha”.

Após esse comentário buscamos em Mário de Andrade o significado de dicção em exemplos que foram separados para compor a “Gramatiquinha”.

“Dicção :

Ir em vez de ir na”

“Dicção:

- Muito obrigado

- Não por isso”

“Porém, é incontestável que a dicção “pra” é geral (...)

Esses exemplos e outros aparecem no texto e/ou rascunhos para a “Gramatiquinha”. No capítulo XIX de acordo com Pimentel (1990, p.202)

“O capítulo XIX reservado para Frase, observamos informações anotadas nas notas originais de Mário de Andrade, descritas por Pimentel (1990. p203) a saber: a) texto sobre a natureza nominal ou verbal da frase; b) relações entre ênclise e “valor psicológico da frase”, entre euforia e as “razões ou necessidades expressivas, psicológicas”; c) outro texto mencionando que “As orações são abstratas ou concretas etc.”

Por esse tipo de material, ratifica-se que o assunto discriminado nas notas não estava suficientemente pensado, apenas tratavam-se de idéias registradas no papel pelo escritor para futuramente ser destinado à “Gramatiquinha”

No capítulo XX, intitulado Emprego do Substantivo, também não há textos sobre o assunto. Para Mário de Andrade eram substantivos também o adjetivo, o advérbio, o verbo e a própria frase; a rigor, o emprego de todas essas classes de palavras caberiam num único capítulo. Conforme Pimentel (1990,205)

No entanto, como a cada uma delas foi reservado espaço específico, embora com epígrafe diversa, presumi-se que neste se trataria de substantivo propriamente dito e da substantivação.

Note-se que é sobre o emprego do particípio passado como substantivo que recai o interesse comprovado de Mário de Andrade:

“Guardados = substantivo usado só plural

Eu estava mexendo nos meus guardados...”

“Como vai, conhecido ?

Ontem encontrei u conhecido”

Esses tipos de exemplos configuram o uso brasileiro de acordo com o escritor.

A **Psicologia do Pronome**, no capítulo XXI, foi o de maior interesse para Mário de Andrade, pois ele muito discutiu sobre a colocação dos pronomes, quando afirmou que cada um deve dar regras a si mesmo sobre a colocação do enclítico, afirmando que João Ribeiro também observou isso na Língua Nacional o que comprova ter Mário de Andrade consultado a obra desse gramático.

Desse modo, constatamos que a influência de Said Ali sobre Mário de Andrade foi decisiva no que se refere à questão da colocação dos pronomes enclíticos,

informações que constam das notas originais analisadas por PIMENTEL (1990, p.207-209).

Em seguida, o escritor cita José de Alencar, Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Rui Barbosa, Osvaldo de Andrade, dentre outros que empregaram o pronome de acordo com o uso brasileiro.

Infelizmente, os poetas citados por Mário de Andrade apenas fizeram uso das variações pronominais segundo o uso brasileiro, mas o escritor não se aprofundou no assunto. Assim sendo, temos os exemplos:

-“**Me** guiareis” (1ª pessoa) em José de Alencar

-“**Te** vejo, **te** procuro” principia Gonçalves Dias uma estrofe.

Em menino escreveu num livro que o pai lhe dera: “**Me** foi dado por meu pai em outubro de 1860” Rui Barbosa.

Percebemos que Mário de Andrade foi incisivo a todo momento em defesa da fala brasileira, embora não tenha terminado e publicado a “Gramatiquinha da Fala Brasileira”.

O capítulo XXII chama-se **A Psicologia da Ação**, e discorre sobre uso do verbo de conformidade com o uso brasileiro, exemplificando sempre com o particípio passado como substantivo, além da utilização de gerúndio, para isso apoiou-se no dicionário de Mário Barreto.

No capítulo XXIII, **A Psicologia do Limite**, identificamos o adjetivo e o advérbio. Mário de Andrade diz que o qualificativo vem sempre posposto ao substantivo, pois as palavras, quando pronunciadas pelo povo, possuem valor real e não literário. Antepor o adjetivo ao substantivo é para os cultos.

Com relação ao advérbio, não há nenhuma anotação teórica, mas apenas alguns exemplos constando a posposição e a repetição da negativa conforme o uso brasileiro, provavelmente colhido de oitiva ou por meio da literatura.

Exemplos: “**não é não**”; “**não vamos não**”; “**Tu nada viste não**”; “**Não vou não**”; “**Não vence não!**”.

O capítulo XXIV foi reservado para **A Psicologia das Partículas Sintáticas** em que constam alguns exemplos de frases utilizando expressões coloquiais.

Há Ausência de texto teórico a respeito, lembrando que a abrangência do conceito a “partícula” não chegou a ser claramente definida pelo escritor. PIMENTEL (1990, p.223).

No capítulo XXV, nomeado **Pontuação**, o autor em seus apontamentos para a “Gramatiquinha” diz que, na maioria das vezes, o hífen é desnecessário exceto em algumas situações, já que é preciso usá-lo para evitar pronúncias erradas.

“Pontuação é o emprego de certos sinais gráficos que se colocam entre orações e partes de oração para se indicar pausas de diversas espécies, ou para denotar mudança de tonalidade, ou simplesmente para chamar a atenção”. Pimentel (1990, p.228).

Mário de Andrade mencionou que, pontuação se faz por meio de certos sinais que facilitam a compreensão psicológica ou visibilidade imediata da frase.

A nosso ver, fica evidente que o autor pensou nos seus propósitos modernistas que aplicaria na escritura de poesia, textos em prosa que requereriam o mínimo possível de sinais gráficos (pontuação).

A **Estilística** foi abordada do capítulo XXVI ao capítulo XXX .

O capítulo XXVI foi chamado **Frase ou Verso**, embora no índice, conste como Frase ou Verbo. Pimentel (1990, p.247)

“Falta de vogal muda no brasileiro, examinada exclusivamente em seu contexto. Sugere duas vias de interpretação; Poder-se-ia tratar de “e” neutro ou reduzido em posição átona _ um alofone posicional da vogal “e”, segundo Matoso Câmara; poder-se-ia, também, tratar de pretônico que se torna “muda” em certos ambientes (esp’rança, qu’ria), traços, ambos típicos da pronúncia portuguesa”. Em qualquer um dos casos, porém, a segunda parte na afirmação continuaria obscura, pois, numa ou noutra das hipóteses o decassílabo se reduziria a um verso de nove sílabas, nunca “passaria” a um “endecassílabo legítimo, que nem em italiano”: este, como se sabe, em decorrência da contagem metatônica das sílabas, corresponde ao decassílabo, na versificação mas corrente em língua portuguesa.

A interpretação foi dada para a expressão “Falta de vogal muda”, estando o núcleo do pensamento voltado para a especificidade da realização oral brasileira, sendo assim, só poderia ser compreendida a partir do conhecimento do que isso significava para Mário de Andrade.

No capítulo XXVII, denominado **Figuração**, há apenas, anotações de algumas figuras de linguagem: Elipse - Pleonasma – Anacoluto - Imagem ou Tropo.

Pimentel (1990, p.251).

“Os três primeiros subtítulos correspondem, exatamente, ao que consta em Said Ali, sob o título geral “Figuras de Sintaxe”, em Eduardo Carlos Pereira, como “Sintaxe irregular ou figurada de regência”; e, em João Ribeiro, como “Figuras de sintaxe”

Conforme a citação, constatamos que não há textos tratando do referido assunto, pois os comentários foram feitos apoiados nos estudiosos mencionados por Mário de Andrade nas suas notas originais.

Capítulo XXVIII, discriminados Vícios, que na concepção do autor. Pimentel (1990, p.407):

Mário de Andrade, na verdade defendeu os “neologismos vulgares” condenados pelos gramáticos, inclusive, Said Ali afirmava que era preciso aproveitar o seu momento de vida oral e se expressar sem acreditar que fossem vulgarismos, nem se importar de serem falenismos.

Por outro lado, o escritor em outro texto condenava arcaísmos e preciosismos, o que nos leva a crer que seriam para ele, os verdadeiros “vícios”. Pimentel (1990, p.256)

Atacar os “arcaísmos”, as palavras rebuscadas e pedantes os termos científicos e inúteis desde o livro não seja técnico

Por esse comentário, entendemos que o escritor negava que pudessem existir “vícios”

Os **Vícios**, na concepção de (Mário sd apud Pimentel, 1990, p.407):

Na realidade, não há vícios de linguagem. Só se escreve bem ou mal. E notem que escrever bem significa escrever expressivo e não escrever bonito. (...) O principal vício de linguagem é a demonstração imediata que o individuo procure escrever bonito.

No capítulo XXIX, intitulado **Prosa e Poesia**, aparece também **Estilo** (Estilo Nobre e Estilo familiar). O escritor não distingue prosa de poesia, mas, em relação ao estilo, defende unicamente o que, em cada época, estivesse em correspondência com a sociedade. Percebemos assim, que Mário de Andrade, estava preocupado em registrar e explicar a fala.

No último capítulo, **Psicologia da “Fala Brasileira”**, capítulo XXX, o escritor retoma alguns assuntos já tratados em notas para a “Gramatiquinha”. No início do capítulo, há algumas observações sobre o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, a nosso ver, essa parte do capítulo seria dedicado ao estudo do aspecto psicológico da fala brasileira, avaliado por meio do léxico e da fonética.

Verificamos que Mário de Andrade menciona, numa de suas notas, um capítulo chamado Psicologia da Língua Brasileira, que elencaria as seguintes palavras e versos de uma poesia popular:

Doçura. Lentidão. Meiguice. Sensualidade. Ironia. Asperezas.
Embolados. Os versos:

Olha o bambu do bambu bambu

Olha o bambo do bambu bambabê

Olha o bambo do bambu bambubê

Quero ver dizer três vezes bambabê bambalalá! . Molenga
língua/ Indecisão passageira. Frases rápidas. Vênus bebia
não. Síntese oratória da conversa. Pimentel (1990, p.415).

Possivelmente, a seleção de palavras e versos feitos por Mário de Andrade iria corroborar as características da fala brasileira, pois a alternância das vogais na palavra Bambu, a troca da vogal “u” pela vogal “o” no segundo verso e na palavra Bambabê a substituição da segunda vogal “a” pela vogal “u” constata a presença de ritmo e musicalidade. Assim sendo, o destaque dessas características, para o escritor, significava ratificar a expressão brasileira de seu povo.

Ressaltamos que os versos estão representando uma das características mais relevantes na visão de Mário de Andrade: a musicalidade e o ritmo.

Na verdade, a intenção de Mário de Andrade era criar o estilo brasileiro e o tempo todo afirmou que não tinha a intenção de ir contra a Gramática de Lisboa e, se cada um tratasse de reconhecer essa variedade brasileira, oriunda da Língua Portuguesa, dali a alguns anos, ter-se-ia uma gramática e uma língua literária brasileiras.

Após a leitura do projeto da “Gramatiquinha”, selecionamos o item pronome para uma análise mais detalhada que veremos a seguir.

c. As posições de Mário de Andrade em relação ao conceito, à divisão e ao uso dos pronomes.

É sabido que o projeto de Mário de Andrade, ou seja, a Gramática da fala brasileira não foi publicada, apesar de o escritor afirmar a todo o momento que seu trabalho foi sério e que não tinha pretensão nenhuma de criar uma nova língua e nem escrever a Gramática da fala.

Desde o momento que reconheceu a existência de uma variedade brasileira da língua portuguesa, empenhou-se com afinco para buscar uma sistematização para a norma brasileira.

Na verdade, a idéia da “criação” de uma “gramática da fala brasileira” estava inserida nos ideais dos modernistas.

O que nos despertou a atenção é que o defensor da fala brasileira, nas entrelinhas dos rascunhos da “Gramatiquinha”, disse que era preciso ter coragem de falar brasileiro sem se amolar com a gramática de Lisboa. PIMENTEL (1990, p.333).

Nas anotações feitas, no que se refere aos pronomes, dentro do índice no item Psicologia do Pronome, Mário de Andrade afirmou que cada um deve dar regras a si mesmo sobre a colocação do enclítico, isto é, os falantes da língua portuguesa no Brasil, assim deveriam fazer.

Ao verificarmos o texto da “Gramatiquinha”, aparecem alguns exemplos referentes à colocação dos pronomes segundo Mário de Andrade (uso brasileiro), e concomitantemente o escritor utilizava os pronomes de acordo com a gramática de Portugal ao escrever cartas para Manuel Bandeira, conforme veremos nos exemplos da Tabela 1:Exemplos de aplicação de Pronomes, segundo Mário de Andrade.

Tabela 1: Exemplos de aplicação de Pronomes, segundo Mário de Andrade.

Aplicação dos pronomes na “Gramatiquinha”	Aplicação dos pronomes nas cartas escritas para Manuel Bandeira	Cronologia
<i>Me parece francamente que careci ter topete pra agir assim e o meu livro me parece a primeira real , mas não bem clarificada na consciência manifestação de cabotinismo da minha vida artística. (pg.313)</i>	Até junho ver-nos-emos no Rio? Ou em Petrópolis se inda lá estiveres. (pg.85)	fevereiro de 1923
<i>Me lembrei de decorar coisas bonitas... (pg.318).</i>	Era com todas as outras uma aluna inexistente. Seres assim podem também ser puros bons __ dessa bondade que é virtude cristã. Machucá-la-iam , na morte de pureza em que jazia,... (pg.99)	08 de agosto de 1923
<i>Me dei o destino que me competia... (pg.328)</i>	Guardei uns versos apenas. Faço com eles um “Poema exausto”. Assim que estejam prontos, dar-te-ei conta deles. (pg.111)	dezembro de 1923
<i>Me lembro dum maluco poetastro francês...(pg.376)</i>	Mas preciso ganhar a vida Manuel. Quando estivermos juntos, em junho próximo, contar-te-ei umas dificuldades engraçadas, se me lembrar... (pg.122)	19 de maio de 1924
<i>Si principio combatendo esse costume fico anti-humano menos expressivo e menos social... (pg 376)</i>	Escrevi Clam com eme, quero nacionalizar a palavra. Que achas? Tomar-me-ão por besta, naturalmente. (pg.129)	29 de setembro de 1924
<i>Si alguém se mete trabalhando a fala brasileira</i>	Apesar da tua Santa Teresa e longínqua tens de me fazer um favor. Desce no Rio. Comprar-me-ás uma “Lenda do caboclo” do Villa Lobos.	10 de outubro de 1924

em sua estilização literária... (pg 411)

(pg.135)

Com referência aos exemplos citados na Tabela 1: Exemplos de aplicação de Pronomes, segundo Mário de, no que se refere aos pronomes mesoclíticos, foram empregados de acordo com os ideais modernistas. Assim, observamos em Schei, (2000, p.262):

Me é o pronome com maior tendência a próclise de maneira geral; em alguns escritores é até o único pronome a ser colocado em posição inicial.

...De maneira Geral os pronomes da terceira pessoal ocorre enclíticos com maior freqüência do que os da primeira pessoal.

A colocação do pronome **Me**, aponta para um registro da fala coloquial, descontraída, que Mário de Andrade transporta para o texto escrito. Dando prosseguimento, vimos em Cabral, (1986, p.55)

...da noção de sistemas em Mário de Andrade: o da colocação dos pronomes oblíquos átonos, assunto ao qual deu excessiva importância e o da grafia de "si"

Partindo da observação de que na fala coloquial, o falante do português no Brasil, quando utiliza o pronome oblíquo átono da 1ª pessoa, usa preferencialmente a próclise, extraiu uma regra geral e obrigatória, pela qual todos os pronomes oblíquos átonos deveriam ocupar a posição proclítica, inclusive os pronomes de 3ª pessoa, em início de sentença.

Esta intransigência de Mário feria o princípio da posição dos morfemas no português, pelo qual todos têm posição obrigatória, tanto os presos, quanto os livres, com exceção dos pronomes oblíquos átonos, cuja posição é condicionada por outros fatores.

Conforme comentário supra, constatamos, mais uma vez a escrita concorde com o uso brasileiro.

De conformidade com trechos escritos das cartas datadas em fevereiro, Mário de Andrade elogiou o carnaval e os carnavalescos do Rio de Janeiro, em 08 de agosto referia-se a uma aula de dicção, ministrada no Conservatório Musical Dramático de São Paulo e em dezembro de 1923, tece agradecimentos ao seu amigo, Manuel Bandeira, pelas sugestões dadas para enriquecer seus poemas. Ratificamos, assim, a preocupação do escritor em não desvincular os estudos musicais dos estudos lingüísticos.

Em carta datada de 19 de maio de 1924, o escritor confessa ao amigo Manuel Bandeira que o tempo que tinha para dedicar-se aos estudos referentes à questão da língua materna era quase nada, pois precisava sobreviver e, para isso, ocupava-se de produções “mais simples” que atendessem de imediato as suas necessidades.

Esse desabafo de Mário de Andrade nos faz acreditar que, provavelmente, a não realização da “Gramatiquinha” da fala brasileira, justifica-se primeiramente pela falta de tempo para a reflexão em relação à Língua, pela falta de apoio dos especialistas no referido assunto e pela falta de materiais (livros) que pudessem orientá-lo para realização da obra.

Já nas cartas datadas de 29 de setembro e 10 de outubro de 1924, a informação era: comentários sobre nacionalizar a palavra, pontuação (a vírgula), organizações de audições musicais, o exemplificou dizendo que escreveu “**clam**” com a letra “**m**” ao invés de “**clã**”, acentuando a letra “**a**” com o sinal gráfico **til** e, por isso chamaram-no de “besta”.

Assim sendo, na integridade das cartas citadas, constatamos assuntos diversos e entendemos que, para escrever cartas para amigos íntimos, não há necessidade de utilizarmos linguagem formal. No entanto, o autor redigia fazendo uso da mesóclise, colocação do pronome, de acordo com a gramática normativa.

Defensor, sempre, da existência de uma variação lingüística da língua portuguesa e com propósitos para a escritura da gramática da fala brasileira, às vezes, “contraditório”, pois escreve, ao mesmo tempo, seguindo a gramática de Lisboa e, desleixadamente conforme seu povo fala, isto é, a fala do Brasil versus a escrita de Portugal.

Mário de Andrade discutia, já em 1924, a colocação pronominal. Confidenciava ao amigo Manuel Bandeira, em cartas, que colocava pronomes oblíquos no início de frase em seus poemas, isto é, não saía da boca de seus personagens, mas sim de sua pena.

É comum comprovarmos, nas obras de Mário de Andrade, os pronomes retos da terceira pessoa **ele**, **ela**, **eles** e **elas**, exercendo a função de objeto direto. Esse

uso não nos permite tecer maiores comentários no que se refere à sua aplicação se correto ou não, pois era proposta do escritor “escrever brasileiro” e, para sistematizar essa nova forma de escritura era necessário pô-la em prática.

Com relação aos pronomes oblíquos **lhe**, **lhes** (3ª pessoa), Mário de Andrade preferiu usar a forma de tratamento **você**, COLOCAR DOIS PONTOS e em seus escritos encontramos **pra ele**, **pra eles**. Na verdade, sabia como deveria usar os pronomes conforme a gramática de Lisboa, mas dava preferência ao uso popular, daí a justificativa de que cada um deveria elaborar sua própria regra.

Na época em que recolhia conteúdos para a elaboração da “Gramatiquinha” da fala brasileira, discutiu muito sobre os conceitos gramaticais, mas a discussão mais acirrada foi em relação à colocação dos pronomes pessoais átonos.

Mário de Andrade, ao escrever as anotações para a “Gramatiquinha”, estava expondo seus pensamentos, sua forma de reconhecer as variações da língua, o que não requereria uma linguagem formal. Assim, em Andrade, (2002, p.270):

Assim, num dos mais bonitos sambas nacionais, o “Vejo Lágrimas”, publicado em disco Colúmbia, n.22-65-B, o cantor argumenta:

Si choras por alguém

Que te enganou

Te conforma, pois Jesus

Também se conformou.

Iniciar frases com o pronome oblíquo, para o escritor, era considerado um fenômeno relativo ao ritmo no tempo e ao ritmo no tempo e ao ritmo psicológico.

Com relação ao uso de mesóclise nas cartas íntimas, foi por opção, pelo seu estilo plural, pela maneira de escrever da época, sem ter nenhuma pretensão de ir contra os ensinamentos de Portugal.

Em seguida, apresentamos a obra de Said Ali, na qual seguimos as categorias já expostas anteriormente.

3.2 A “Gramática Secundária” de Said Ali

Estudar “A Gramática Secundária”, de Said Ali, que serviu de apoio para o escritor Mário de Andrade, no que se refere à elaboração do projeto da “Gramatiquinha”, para nossa pesquisa é fundamental. “A Gramática Secundária” de Said Ali, segundo o Professor Evanildo Bechara, foi editada pela primeira vez em 1923. É considerada a obra didática mais importante para os estudos sincrônicos que apareceu no Brasil. Para Mario Eduardo Viaro, escritor pertencente à nova geração, “A Gramática Secundária” teve a sua 1ª edição publicada em 1927. Já, conforme Evanildo Bechara - discípulo de Said Ali - a referida gramática teve a sua publicação em 1923.

Em seguida, passamos, para as análises, iniciando com a categoria 1.

3.2.1 Aspectos da Brasilidade

Neste item, centrar-nos-emos nos aspectos de brasilidade que guiarão nossa análise.

O Professor Said Ali destacou-se nos estudos da Gramática, da Lingüística e da Filologia. A Gramática Histórica até hoje é considerada como uma referência para os estudos diacrônicos do Português

O mestre Said Ali foi um autodidata e leu para sua orientação e formação como filólogo e lingüista, mestres especializados como: Herman Paul, Witnei, Victor Henry, Breal e outros.

O Professor Said Ali dedicou-se desde cedo aos estudos dos fatos históricos da Língua Portuguesa, motivo pelo qual formou um grupo de discípulos que se dedicou e foi considerado especialistas de valor, no que se referia aos estudos da Linguagem do Brasil, são eles: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto e Evanildo Bechara, dentre outros.

Em 1908, o mestre Said Ali publicou a obra *Dificuldade da Língua Portuguesa* que tratava do *infinito pessoal* ou *verbo*, sob uma perspectiva psicológica, diferente do estudo normativo.

Com esse reconhecimento, do fator psicológico como de grande importância para os estudos das alterações da linguagem, podia-se evitar o uso de regras massificantes ou teorias contraditórias. Devido às interpretações psicológicas e ousadas do mestre Said Ali, ele chegou a discordar de determinados especialistas que eram concordes com a postura normativa da época. Ele se posicionava de forma a afirmar que expressões populares como:

“vende-se casas” mostram que o povo não considera sujeito o substantivo “casa”, deu ensejo a réplicas ferozes, como a de Othoniel Motta em **O pronome se**, em 1916. (Viaro sd apud Ali, 2001, p.9)

Assim sendo, esse exemplo comprova o interesse do mestre Said Ali nas questões do Português Brasileiro. Veremos outro exemplo (extraído da “Gramática Secundária”) que nos mostra marcas de brasilidade, conforme (Bechara sd apud Ali, 2006, p.15)

“O pronome pessoal **tu** tem aplicação muito limitada. No trato familiar, é admissível havendo muita intimidade ou liberdade. No Brasil, vai sendo desbancado pelo termo **você**. O plural, dadas as mesmas condições e **vocês** e não **vos**”

Podemos afirmar, então, que o gramático Said Ali apresenta aspectos de brasilidade nas influências deixadas para os filólogos, gramáticos e lingüistas brasileiros que o sucederam e nas considerações acerca de uma língua portuguesa utilizada no continente americano.

Dando continuidade, passamos ao item seguinte, referente aos aspectos lingüísticos da abordagem pronominal.

3.2.2 Aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal.

Neste item, apresentamos, em primeiro lugar: a) a descrição e a periodização do material; em segundo lugar b), mostramos a organização da obra de Said Ali e c) as posições de Said Ali em relação ao conceito, à divisão e ao uso dos pronomes.

a) descrição e periodização do material

Said Ali, considerado um dos mais ilustres filólogos, em 1895, encetou uma série de publicações na Revista Brasileira, por ter constatado que os estudos de língua portuguesa, em sua maioria, não eram voltados para os modernos princípios filológicos.

Essas publicações o colocariam numa posição de destaque juntamente com outros filólogos, também de reconhecido saber.

Devido ao seu grande interesse pelos estudos de Língua Portuguesa, dedicou-se, incansavelmente, ao método histórico-comparativo. dada a sua preocupação diacrônica e sincrônica, no que se referia à Língua.

Por outro lado, acreditava que havia um excesso de método histórico-comparativo e reagiu contra isso apesar de respeitar muitos contemporâneos.

De acordo com (Bechara sd apud Ali, 2006, p.14):

O mestre Said Ali, creio, foi o primeiro que, entre nós, conheceu a famosa dicotomia definida pelo lingüista de Genebra, pois já em 1919, no Prefácio da 2ª edição das "**Dificuldades**", escrevia "... tomei para campo de pesquisas não somente o português do período literário que se estende de João de Barros e Manuel Bernardes, mas ainda o falar hodierno e, por outra parte, o menos estudado falar medieval. Pude assim colher resultados que dão regular idéia da evolução do idioma português desde a sua existência até o momento presente, de onde se vê a razão de certas dicções duplas, existentes ora e ora sucessivas, fontes, muitas vezes, de renhidas e fúteis controvérsias. Nesses fatos encontraria F. de Saussure, creio eu, matéria bastante com que reforçar as suas luminosas apreciações sobre lingüística diacrônica" págs. V e VI, 2ª edição)

Por esse enunciado, constatamos a preocupação de Said Ali em fazer da "Gramática Secundária", publicada em 1923, um registro do estado do português escrito e falado pelas pessoas cultas da época em que foi elaborada.

Cumpramos a nós ressaltar que a "Gramática Secundária" para a nossa pesquisa, foi importante por tratar das questões de brasilidade.

A seguir, mostramos a organização da obra de Said Ali.

b) Organização da Obra.

A obra de Said Ali se organiza de acordo com o exposto abaixo.

Índice da Gramática de Said Ali

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA SOBRE ESTA EDIÇÃO
 M. SAID ALI
 PRÓLOGO
 GRAMÁTICA E SUA DIVISÃO:

FONÉTICA

Fonemas em geral
 Vogais orais
 Vogais nasais
 Consoantes
 Semivogais
 Pontos de articulação
 Quadro das consoantes

Quantidade
 Silaba
 Ditongos
 Ditongos decrescentes
 Ditongos crescentes

Tritongos
 Acentuação
 Alterações fonéticas

ORTOGRAFIA

FORMULÁRIO ORTOGRÁFICO
 ABREVIATURAS

LEXEOLOGIA

SUBSTANTIVO
 Substantivos aumentativos e diminutivos
 Gênero
 Formação do feminino
 Gênero pela significação
 Gênero pela terminação
 Nomes de duplo gênero
 Nomes próprios
 Número
 Formação do plural
 Plural com alteração da vogal tônica
 Nomes usados no plural
 Plural dos nomes compostos

ARTIGO

ADJETIVO

Gênero dos adjetivos
 Plural dos adjetivos
 Graus de comparação
 Superlativo intensivo

NUMERAIS (QUANTITATIVOS)

Quantitativos indefinidos

PRONOMES

Pronomes pessoais
 Pronomes possessivos
 Pronomes demonstrativos
 Pronomes relativos
 Pronomes interrogativos
 Pronomes indefinidos

VERBO

Coniugações
 Coniugação simples
 Coniugação dos verbos auxiliares
 Aplicação dos verbos auxiliares
 Coniugação de ter e haver com particípio do pretérito
 Derivados do pretérito perfeito
 Formação do futuro do indicativo
 Formação do presente do conjuntivo
 Imperativo
 Gerúndio
 Particípio do presente
 Alternância vocálica
 Verbos em –ear e iar
 Verbos em –uzir
 Minguar, enxaguar, desaguar, magoar
 Verbos defectivos
 Verbos impessoais
 Coniugação dos verbos irregulares
 Particípios irregulares
 Particípios duplos

Verbos nacionais e relacionais
 Verbos transitivos e intransitivos

Vozes

ADVÉRBIOS

Graduação dos advérbios

PREPOSICOES

CONJUNCOES

INTERJEIÇÕES

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

DERIVAÇÃO

Derivação Sufixal
 Sufixos alternativos
 Sufixos diminutivos

Sufixos e a segunda espécie

Derivação prefixal
Prefixos

Derivação parassintética

Derivação regressiva

COMPOSIÇÃO

Prefixos afixos

Lista dos radicais afixos mais usados

FORMAÇÕES HÍBRIDAS

SINTAXE E ESTILÍSTICA

A ORAÇÃO

Termos primários

Termos integrantes e acessórios

Funções atributiva e predicativa

Termos singelos múltiplos e determinados

Oração simples e oração composta

Interrogação direta e indireta

Orações explícitas e implícitas

COORDENAÇÃO

SUBORDINAÇÃO

Oração substantiva

Oração adjetiva

Orações adverbiais

Orações hipotéticas e condicionais

Orações concessivas

Orações temporais

Orações finais

Orações consecutivas

Orações comparativas

Orações proporcionais

Orações causais

CONCORDÂNCIA

EMPREGO DO VERBO

Emprego dos tempos verbais

Emprego dos modos

Imperativo

Indicativo e conjuntivo

Casos particulares

Emprego do Infinitivo

Emprego do infinitivo pessoal

Formas especiais

Emprego do gerúndio

EMPREGO DO ARTIGO

EMPREGO DOS NUMERAIS

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes possessivos

Pronomes demonstrativos

Pronomes indefinidos

COLOCACÃO

Colocação dos termos da oração

Colocação dos pronomes átonos

Colocação do pronome complemento de infinitivo

Colocação do pronome complemento de gerúndio

Colocação do pronome complemento de verbo finito

Colocação do pronome átono nas conjugações compostas e perifrásticas

FIGURAS DE SINTAXE

a) Elipse

b) Pleonasma

c) Anacoluto

TROPOS

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Anomalias de Linguagem

PONTUAÇÃO

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois pontos

Ponto final

Ponto de interrogação

Ponto de exclamação

Aspas

Pontos de reticência

Parênteses

Asterisco

Travessão

Parágrafo

SISTEMA GRÁFICO DE 1943

Para a nossa análise, dividimos a “Gramática Secundária” em itens.

Nas primeiras páginas há uma advertência sobre a edição e biografia de Said Ali, comentada por Evanildo Bechara. Em seguida, o Prólogo comentado por Said Ali.

No primeiro item, de acordo com Ali (1966, p.15), Fonética ou Fonologia é o estudo dos sons. Trata-se do estudo dos fonemas em geral, ou seja, suas particularidades descritas minuciosamente. **O segundo item** está reservado para abreviaturas – nome dado às palavras e expressões assim representadas.

No terceiro item, dedicado a Lexeologia, refere-se aos estudos dos vocábulos. Ali (1988, p.150) diz:

A Lexeologia não examina os vocábulos um por um, como faz o dicionário. Divide-os em um pequeno número de grupos ou categorias e registra os fatos comuns e constantes e os fatos variáveis e excepcionais.

Esse item é dedicado à descrição detalhada das Classes Gramaticais, seus componentes e suas subdivisões, a saber: Substantivo, Artigo, Adjetivo; Numerais (quantitativos): Pronomes, Verbos e seus derivados, Advérbios, Preposições, Conjunções e Interjeições.

O quarto item, dedicado à Formação das Palavras, verifica-se o processo de formação de palavras por: derivação sufixal, prefixal, parassintética e regressiva. A formação de palavras por composição: prefixos gregos, lista dos radicais gregos mais usados e uma breve explicação sobre formações híbridas.

No quinto item, Said Ali discorre sobre a Sintaxe e a Estilística, parte mais extensa que descreve, minuciosamente, sem deixar escapar nenhum detalhe, as orações coordenadas, subordinadas; concordância; emprego dos: verbos, artigos, numerais e pronomes.

No sexto item temos a Colocação: dos termos da oração e pronomes átonos; em seguida as Figuras de sintaxe: Tropos, Vícios de linguagem e Pontuação.

O último item foi reservado para a apresentação do sistema ortográfico de 1943.

c) as posições de Said Ali em relação ao conceito, à divisão e ao uso dos pronomes

Said Ali define pronome como a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso. Os pronomes ou fazem às vezes de um nome substantivo, ou se juntam a um nome como os adjetivos.

Em seguida, o autor apresenta a divisão dos pronomes em: pessoais (incluindo reflexivos e recíprocos), possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Em nossa pesquisa, vamos apenas discorrer sobre os pronomes pessoais e sua forma de colocação. Os pronomes pessoais ocupam, na oração, a posição de sujeito, por isso, recebem o nome de pronomes pessoais de caso reto, e os oblíquos exercem a função de complemento.

Chamamos de formas pronominais átonas: **me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as** que são colocados em português, normalmente, após o verbo a que servem de complemento e a ele se juntam, sendo pronunciadas juntamente com o verbo, formando um só vocábulo. Por essa colocação, recebe o nome de pronomes enclíticos.

Certos exemplos de ordem fonética podem, no entanto, determinar o deslocamento das referidas formas pronominais para antes do verbo, passando a chamar pronomes proclíticos; o pronome colocado depois do verbo passa a chamar-se enclítico e com o verbo no futuro do presente ou do pretérito não se usa o pronome átono como enclítico; a posposição aqui é substituída pela interposição, colocando-se **me, te, se etc** entre a parte verbal correspondente ao infinitivo e às terminações **ei, ás, ia, ias etc**. Neste caso, os pronomes passam a chamar-se mesoclíticos.

A colocação do pronome mesoclítico efetua-se no falar lusitano, geralmente para valorizar o termo que foi deslocado. Quanto ao falar brasileiro, Said Ali confirma:

O pronome átono na linguagem antiga podia ser arrastado para junto do primeiro termo, limita-se em português moderno a ficar anteposto ao verbo.

A pronúncia Brasileira diversifica da Lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses.

Mário de Andrade tomou como base a “Gramática Secundária” para a possível escritura da “Gramática da fala Brasileira”, devido ao reconhecimento do Mestre Said Ali no que se refere à colocação pronominal.

A “Gramática Secundária” foi escrita em 1923, época em que Mario de Andrade estava organizando o Movimento Modernista e por sua vez tratava do assunto em questão, o “escrever brasileiro” e, em uma carta do professor Said Ali, (Ali sd apud Cunha,1972, p.391), para Sousa da Silveira reafirma:

“...a propósito das Lições: Aplaudo, e muito o citar trechos de autores brasileiros, autores a que os gramáticos da antiga escola negavam o direito de votar. Eu pessoalmente não há dúvida que pouco os tenho citado em meus trabalhos; mas é claro que estudando como estudo, os fatos historicamente, se não tratei desenvolvidamente do falar brasileiro, é que ainda não cheguei a esta fase mais moderna da linguagem” .

A preocupação maior de Mário de Andrade foi a colocação dos pronomes enclíticos. Apoiado na “Gramática Secundária” de Said Ali, escreveu suas próprias “regras”, ou seja, concorde com o uso brasileiro. O mestre Said Ali reconhece a diferença entre o uso do pronome no Brasil e Portugal, mas, na “Gramática Secundária”, permanece o uso conforme a Gramática de Lisboa.

Após discorrermos sobre a “Gramatiquinha” e a “Gramática Secundária”, passamos ao quarto capítulo que tratará sobre o Filólogo Celso Cunha.

4 CAPÍTULO IV –

O TRATAMENTO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.

Neste capítulo, pretendemos discorrer sobre Celso Cunha, suas obras, seu conceito sobre os pronomes em relação às conceituações dadas pelo escritor Mário de Andrade e o Filólogo Said Ali.

4.1 Celso Cunha: Vida e Obra.



Figura 3: Celso Ferreira Cunha: Nova Gramática do Português Contemporâneo

Professor, Filólogo e Ensaísta e, além do magistério, ocupou importantes cargos políticos. Recebeu prêmios importantes como: José Veríssimo (Ensaio e Erudição) da Academia Brasileira de Letras; Prêmio Paula Brito, da Prefeitura do antigo Distrito Federal; Prêmio Moinho Santista de Filologia dentre outros.

Nasceu em Teófilo Otoni, em Minas Gerais, em 10 de maio de 1917, e faleceu no Rio de Janeiro em 14 de abril de 1989. Foi eleito, em 13 de agosto de 1987 para a Cadeira número 35, na sucessão de José Honório Rodrigues. Era filho de Tristão da Cunha, professor e político mineiro, e de Julia V. da Cunha.

Iniciou seus estudos no Rio de Janeiro no Colégio Anglo-Brasileiro. Formou-se Bacharel em Direito em 1938 e Licenciou-se em Letras em 1940 pela antiga Universidade do Distrito Federal.

Em 1935 ingressou na carreira do magistério como professor de Português do Colégio Pedro II. Foi professor titular de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Já em 1947, recebeu o título de Doutor em Letras e Livre Docente em Literatura Portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, com a tese *O cancionero de Paay Gômex Charinho*, trovador do século XIII.

Lecionou, como professor associado da Universidade de Paris-Sorbonne, Língua Portuguesa de 1970 a 1972 e em 1983. Em 1984, lecionou História da Língua Portuguesa, no curso de Pós-Graduação, da Universidade Clássica de Lisboa.

Foi de grande importância a contribuição de Celso Cunha para o estudo dos cancioneros, fundamentais para o conhecimento da origem e evolução da língua. Sua obra filológica versa, particularmente, sobre os problemas de crítica textual e de versificação.

Celso Cunha, além da carreira no magistério e ocupação de cargos significativos, deixou-nos uma vasta produção de obras: *O cancionero de Joan Zorro aspectos lingüísticos* (1949), *O cancionero de Martin Codex* (1956), *Estudos de poética trovadoresca* (1961), *Gramática do Português Contemporâneo* (1966).

O escritor, além de ter publicado livros, também publicou ensaios com reflexões sobre a língua, o que resultou na publicação de outros livros: *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, *A questão da Norma Culta Brasileira*, *Uma política do idioma*, *Conservação e inovação do português no Brasil* e *Língua, nação, alienação*.

Na obra *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*, o autor em Cunha (1968, p.25-26) faz o seguinte comentário:

“... toda a questão da “língua brasileira” se resume, ainda hoje, na luta contra as regras inflexíveis dos puristas, dos gramáticos retrógrados, sempre contrários a inovações e defensores de um desarticulado sistema idiomático, simples mosaico de formas e construções colhidas em épocas diversas do passado literário”

Esse posicionamento de Celso Cunha confirma que os lingüistas/filólogos eram extremamente conservadores e que, provavelmente, reconheciam as variações lingüísticas da Língua Portuguesa existentes, mas, para não contrariar os ensinamentos de Portugal, nada fizeram no sentido de buscar uma sistematização para a “língua brasileira”.

4.2 Nova Gramática do Português Contemporâneo.

Neste item, nossa preocupação está voltada para ratificar a importância que teve a obra: “Nova Gramática do Português Contemporâneo” também para a reflexão sobre os pronomes átonos na concepção de seus autores: Cunha e Cintra. O exemplar por nós estudado foi publicado em 1985 (2ª edição), a “Gramática Secundária” de Said Ali teve sua primeira edição publicada em 1923, e o projeto da “Gramatiquinha” foi elaborado entre 1922 e 1927 (período em que vigorou o projeto para a escritura de uma possível Gramática da Fala Brasileira). Em seguida, passamos ao item que se refere à questão da brasilidade.

4.2.1 Aspectos da Brasilidade.

Neste item, buscamos as questões de brasilidade presentes no Prefácio da obra gramatical de Celso Cunha & Lindley Cintra.

Num primeiro momento, são apresentados os motivos pelos quais a obra foi realizada em conjunto – um português, Lindley Cintra, e um brasileiro, Celso Cunha. Apontamos dois desses motivos: primeiro a forte amizade que os unia; segundo, a necessidade de se ter, para o ensino de língua portuguesa, uma nova gramática do português contemporâneo.

Nessa contemporaneidade, aparece o Brasil com força de nação junto a Portugal, num empreendimento em que se unem dois representantes dos espaço lusófono.

A nacionalidade brasileira, miscigenada na origem, levou Celso Cunha a inserir não só o Brasil, mas também as demais nações lusófonas da África e todos os países em que se estuda o idioma português.

Após ter publicado obras gramaticais, em 1970 e em 1972, ambas com suas últimas edições em 1983, Cunha, unindo-se a Cintra, publica em 1985 esta obra que se trata:

... de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado nos escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuroamos, porém dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. Cunha (1985, p.XIV)

Com o dito acima, podemos afirmar que a presença da brasilidade está na obra analisada, voltada para as questões do português contemporâneo nos locais que compõem o espaço lusófono.

A seguir, passamos para os Aspectos Lingüístico-Gramaticais da abordagem pronominal.

4.2.2 Aspectos Lingüístico-Gramaticais da Abordagem Pronominal

Neste item, apresentamos em primeiro lugar: a) a descrição e a periodização do material. Em segundo lugar, b), mostramos a organização da obra de Cunha e Cintra para, ao final, c) as posições de Cunha e Cintra, em relação ao conceito, à divisão e ao uso dos pronomes.

a) descrição e periodização do material

Publicada após 20 anos da implantação da NGB, a obra em questão fixa-se na superior unidade da língua portuguesa, considerando a sua diversidade lusófona, constante em todos os lugares em que se utiliza o português.

Segue-se um conceito lingüístico de norma que prega um maior liberalismo gramatical. Assim, segundo Cunha e Cintra (1985, p.8)

“Este conceito lingüístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que, em nosso entender, convém adotarmos para a comunidade de fala portuguesa, formada hoje por sete nações soberanas, todas movidas pela legítima aspiração de enriquecer o patrimônio comum com formas e construções novas, a patentear o dinamismo do nosso idioma, o meio de comunicação e expressão, nos dias que correm, de mais de cento e cinquenta milhões de indivíduos.”

Cumprir mencionar que os capítulos 2, 3 (a maior parte) e 13 couberam a Lindley Cintra e os demais a Celso Cunha, embora o exame conjunto da obra tenha sido realizado por ambos os autores.

Para dar conta da descrição e normatização da língua portuguesa, apresenta-se a gramática dividida em 22 capítulos que abrangem conceitos gerais de língua, linguagem, discurso, estilo e diversidade geográfica da língua, domínio atual da Língua Portuguesa e as partes da gramática de acordo com a NGB.

Quanto à pormenorização dos capítulos, cabe ao próximo item.

b) Organização da Obra de Celso Cunha

A obra de Celso Cunha organiza-se de acordo com o exposto abaixo.

Índice da Nova Gramática do Português Contemporâneo.

SUMÁRIO

Prefácio

Capítulo 1. CONCEITOS GERAIS

Língua, língua, discurso, estilo.
Língua e sociedade: variação e conservação linguística.
Diversidade geográfica da língua: dialeto e falar.
A noção de correto

Capítulo 2. DOMÍNIO ATUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

Unidade e diversidade.
As variedades do português.
Os dialetos do português europeu.
Os dialetos das ilhas atlânticas.
Os dialetos brasileiros.
O português na África, da Ásia e da Oceania.

Capítulo 3. FONÉTICA E FONOLOGIA

Os sons da fala.
Som e fonema.
Classificação dos sons linguísticos.
Classificação das vogais.
Classificação das consoantes.
Encontros vocálicos.
Encontros consonantais.
Acento tônico.

Capítulo 4. ORTOGRAFIA.

Letra e alfabeto.
Notações Léxicas.
Regras de Acentuação.
Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil.

Capítulo 5. CLASSE, ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

Palavra e morfema.
Formação de palavras.
Famílias de palavras.

Capítulo 6. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO.

Formação de palavras.
Derivação prefixal.
Derivação sufixal.
Derivação parassintética.
Derivação regressiva.
Derivação imprópria.
Formação de palavras por composição.
Compostos eruditos.
Recomposição.
Hibridismo.
Onomatopéia.

Abreviação vocabular.

Capítulo 7. FRASE, ORACÃO, PERÍODO.

A frase e sua constituição.
A oração e os seus termos essenciais,
O sujeito,
O predicado,
A oração e seus termos integrantes,
Complemento nominal,
Complementos verbais,
A oração e os seus termos acessórios,
Adjunto adnominal,
Adjunto adverbial,
Aposto,
Vocativo,
Colocação dos termos na oração,
Entoação oracional,

Capítulo 8. SUBSTANTIVO.

Classificação dos substantivos,
Flexões dos substantivos,
Número,
Formação do plural,
Gênero,
Formação do feminino,
Substantivos uniformes,
Emprego do substantivo.

Capítulo 9. ARTIGO.

Artigo definido e indefinido,
Formas do artigo,
Valores do artigo,
Emprego do artigo definido
Repetição do artigo definido,
Omissão do artigo definido,
Emprego do artigo indefinido,
Omissão do artigo indefinido.

Capítulo 10. ADJETIVO

Flexões dos adjetivos,
Número,
Gênero,
Graus do adjetivo,
Emprego do adjetivo,
Concordância do adjetivo com o substantivo,
Adjetivo Adjunto Adnominal,
Adjetivo predicativo de sujeito composto.

Capítulo 11. PRONOMES.

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos.
Pronomes pessoais.
Emprego dos pronomes retos.
Pronomes de tratamento.
Emprego dos pronomes oblíquos.
Pronomes possessivos.
Pronomes demonstrativos.
Pronomes relativos.
Pronomes interrogativos.
Pronomes indefinidos.

Capítulo 12. NUMERAIS

Espécies de numerais.

Flexão dos numerais.

Capítulo 13. VERBO

Noções preliminares,

Tempos simples,

Verbos auxiliares e o seu emprego,

Conjugação dos verbos regulares,

Conjugação da voz passiva,

Voz reflexiva,

Conjugação de um verbo reflexivo,

Conjugação dos verbos irregulares,

Irregularidade verbal e discordância gráfica,

Verbos com alternância vocálica,

Outros tipos de irregularidade,

Verbos de particípio irregular,

Verbos abundantes,

Verbos impessoais, unipessoais e defectivos,

Sintaxe dos modos e dos tempos,

Modo indicativo,

Emprego dos tempos do indicativo,

Modo subjuntivo,

Emprego do subjuntivo,

Modo imperativo,

Emprego do modo imperativo,

Emprego das formas nominais,

Emprego do infinitivo.

Emprego do gerúndio

Emprego do particípio,

Concordância verbal,

Regras gerais.

Casos particulares.

Requência de alguns verbos,

Sintaxe do verbo *haver*,

Capítulo 14. ADVÉRBIO.

Classificação dos advérbios.

Graduação dos advérbios.

Palavras denotativas,

Capítulo 15. PREPOSIÇÃO.

Função das preposições.

Significação das preposições.

Conteúdo significativo e função relacional,

Valores das preposições.

Capítulo 16. CONJUNÇÃO.

Coniunção coordenativa e subordinativa.

Coniunções coordenativas.

Coniunções subordinativas.

Locução coniuntiva.

Capítulo 17. INTERJEIÇÃO.

Capítulo 18. O PERÍODO E SUA CONSTRUÇÃO.

Período simples e período composto.

Coordenação.

Subordinação.
Orações reduzidas.

Capítulo 19. FIGURAS DE SINTAXE.

Elipse,
Zeugma,
Pleonasmo,
Hipérbato,
Anástrofe,
Prolepse,
Síquise,
Assíndeto,
Polissíndeto,
Anacoluto,
Silepse,

Capítulo 20. DISCURSO DIRETO, DISCURSO INDIRETO E DISCURSO INDIRETO LIVRE.

Discurso direto,
Discurso indireto,
Discurso indireto livre.

Capítulo 21. PONTUAÇÃO.

Sinais pausais e sinais melódicos,
Sinais que marcam sobretudo a pausa,
Sinais que marcam sobretudo a melodia.

Capítulo 22. NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO.

Estrutura do verso,
Tipos de verso,
A rima,
Estrofação.
Poemas de forma fixa.

Índices ELENCO DAS PRINCIPAIS ABREVIATURAS.

ÍNDICE ONOMÁSTICO.

A gramática está dividida em vinte e dois capítulos.

O Prefácio foi comentado pelos próprios autores colocar dois pontos Celso Cunha e Lindley Cintra.

O Capítulo 1, Conceitos Gerais sobre a linguagem, língua, discurso e estilo. Neste mesmo capítulo, vimos: Língua e Sociedade; variação e conservação lingüística; Diversidade geográfica da língua: Dialeto e falar e a Noção do correto.

O Capítulo 2, Domínio Atual da Língua Portuguesa, apresenta: Unidade e diversidade; as variedades do português; Os dialetos do português europeu, Os dialetos das ilhas atlânticas; Os dialetos brasileiros e O português da África, da Ásia e da Oceania.

Os Capítulos 3 e 4, Fonética e Fonologia, descrevem os sons da fala; Ortografia: Letra e alfabeto, Notações léxicas, Regras de acentuação e

Divergências entre as ortografias oficialmente adotadas em Portugal e no Brasil.

Os Capítulos 5 e 6, Classe, Estrutura e Formação de Palavras, discorrem sobre palavra e morfema, Formação de Palavras e Famílias de Palavras; Derivação e composição apresentam todas as formas de derivações das palavras.

Capítulo 7 Frase, Oração e Período, elenca a estrutura das frases, orações, Complementos verbais complementos nominais, a oração e seus termos acessórios, colocação dos termos na oração e entoação oracional.

Os Capítulos 8, 9,10,11 e 12, referem-se ao Substantivo, Artigo, Adjetivo, Pronomes, Numerais, todos apresentam suas divisões, subdivisões e flexões.

Capítulo 13, Verbo, é o mais longo, pois discorre sobre os Modos Verbais, Empregos das Formas Nominais, Vozes Verbais, Concordância Verbal, Regência Verbal de alguns verbos, Conjugação dos Verbos Regulares e Irregulares e, finalmente, Conjugação de um Verbo Reflexivo.

Nos Capítulos 14, 15,16, 17 e 18, são tratados Advérbio, Preposição, Conjunção, Interjeição, Período e sua construção e tratam dos seguintes conteúdos: classificações e funções das classes gramaticais elencadas

Os Capítulos 19, 20,21 e 22, Figuras de Sintaxe, propõem: as figuras de estilos com exemplos; Discurso direto, Discurso indireto e Discurso indireto livre; Pontuação: sinais pausais e melódicos, sinais que marcam a pausa e sinais que marcam a melodia; Noções de Versificação: estrutura do verso, Tipos de versos, A rima, Estrofação e Poemas de forma fixa.

E, finalmente, a apresentação de índices, detalhando as principais abreviaturas e índice Onomástico.

A seguir, veremos as considerações sobre o pronome.

c) Posição de Celso Cunha em relação ao conceito, à divisão dos pronomes.

Para Celso Cunha, os pronomes desempenham na frase funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais. Os pronomes desempenham as funções: de representar um substantivo (pronome substantivo); de acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado (pronome adjetivo).

Com relação aos pronomes substantivos, aparecem isolados na frase e os pronomes adjetivos são empregados, sempre, junto a um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Os pronomes classificam-se em: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. O autor nos chama, em Cunha (1972, p.278), a atenção para a seguinte observação.

“O característico dos pronomes, do ponto de vista da significação, é a carência de um sentido constante, fixo e determinado – pelo menos parcialmente --, e a diferença mais importante entre eles é que, enquanto em uns cada situação concreta permite saber exatamente a quem representam, em outros, como os interrogativos e indefinidos, a significação é essencialmente indeterminada e não propriamente ocasional.” (J. Roca Pons²).

Nesse momento, vamos nos concentrar nos estudos, apenas, dos pronomes pessoais e sua função, os quais são itens condizentes com a nossa pesquisa.

As formas do pronome pessoal podem ser: retas (funcionam como sujeito da oração); oblíquas (empregadas como objeto direto ou indireto). Quanto à acentuação, distinguem-se, nos pronomes pessoais, as formas tônicas das átonas.

São pronomes pessoais do caso reto: **eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas**; pronomes pessoais oblíquos não reflexivos átonos: **me, te, o, a, lhe, nós, vós, os, as, lhes**; pronomes pessoais oblíquos não reflexivos tônicos: **mim, comigo, ti, contigo, ele, ela, nós, conosco, vós, convosco, eles, elas**.

² Introducción a la Gramática, 2ª ed. Barcelona, 1970. pág.186

Com relação à colocação dos pronomes átonos: quando o pronome antecede o verbo, recebe o nome de **proclítico**; posposto ao verbo, **enclítico** e no meio do verbo, **mesoclítico**, que só é possível com formas do futuro do presente ou do futuro do pretérito.

A colocação dos pronomes átonos no Brasil difere da colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica. Esses pronomes, em Portugal, se tornaram extremamente átonos em virtude do relaxamento e ensurdecimento de sua vogal. Já, no Brasil, apesar de chamarmos de átonos, são eles, na verdade, semitônicos.

“A pronúncia aliada a particularidades de entoação e a outros fatores (de ordem lógica, psicológica, estética, histórica etc.), possibilita-lhes uma grande variabilidade de posição na frase, que contrasta com a colocação mais rígida que têm no português europeu.” Cunha (1972, p.312).

Por esse comentário, o autor considera lamentável que certos gramáticos se esqueceram dessa variabilidade posicional, em tudo legítima, e que representa uma riqueza idiomática, eles preconizam, em particular, obediência às regras portuguesa, deixando de reconhecer a existência de uma variedade lingüística brasileira. A regra mais rígida e conhecida é aquela que nos obriga a não começar frases com pronomes átonos, já no falar brasileiro é normal esse emprego.

Dentre os pronomes estudados, destacamos o pronome de **interesse** que é de uso freqüente na linguagem coloquial, em frases como:

Olhem-**me** para ela: e o espelho das donas de casa! (A. Ribeiro, 101).

Ânimo, Brás Cubas, não **me** sejas palerma Cunha (1985, p.295)

“Não me apanhes muito sol,

Meu filho! O sol faz-te mal. “(A. Boto, AO, 121)

“Você me anda gastando o tempo com falatórios !” (G. Ramos, SB, 182)

“Desde menino me choro

E ainda não me achei fim!”(F. Pessoa, OP, 543)” Cunha (1972, p.301)

Em Cunha (1985, p.295), o autor traz a seguinte explicação para o emprego do pronome “me”:

“O pronome “**me**” não desempenha a função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita. Este pronome de interesse, também conhecido por dativo ético ou de proveito é de uso freqüente na linguagem coloquial, mas por vezes aparece na pena de escritores e, não raro, produzindo belos efeitos:”

Continuando, apresentamos as considerações finais.

5 Considerações Finais

Tendo como tema o estudo da *Gramatiquinha* de Mario de Andrade numa leitura historiográfica, analisamos o projeto da *Gramatiquinha* sob a orientação dos princípios teóricos metodológicos de Konrad Koerner.

Nossos objetivos: 1) investigar a abordagem dos pronomes na ótica de Mario de Andrade, na década de 20; 2) comparar as explicações sobre pronomes, postuladas na *Gramática Secundária* de Said Ali e sua aproximação com a colocação pronominal de Mario de Andrade, no que se refere à fala brasileira; 3) identificar a opinião de Celso Cunha, no que se refere à colocação pronominal, foram atingidos.

No quem tange à postura sugerida por Mário de Andrade, observamos que, sob sua ótica, os brasileiros na década de 20 já se haviam constituído sujeitos de sua própria história e, dessa forma, haviam adquirido a possibilidade de utilizar o português brasileiro à sua maneira, sem se considerarem erros os “desvios” da norma padrão considerados pelos gramáticos. Segundo o autor, *os falantes da língua portuguesa no Brasil deveriam formular suas próprias regras, uma vez que ninguém erra na colocação dos pronomes.*

Quanto às comparações feitas entre a posição de Mario de Andrade e de Said Ali, podemos afirmar que **o primeiro**, apesar do apego às postulações de Said Ali nas considerações acerca dos pronomes, tem postura modernista. Assim, encontramos em textos do autor frases como as que se seguem: “**Lhe escrevo hoje num dia bonito**”, “**Pra nós dois**”, “**Me parecem dos milhores que já escrevi em minha vida**”, “**Me senti sujado em mim**”, “**Vem prá cá trabalhar**”; **o segundo** tem postura tradicional e aponta para a normatização da língua portuguesa de acordo com o padrão-culto. Na *Gramática Secundária*, menciona que a pronúncia brasileira diverge da Lusitana; daí resultando a não coincidência entre a colocação pronominal em nosso falar brasileiro espontâneo e a colocação pronominal no falar dos Portugueses. De acordo com Evanildo Bechara, quando Said Ali escreveu a *Gramática Secundária* estava preocupado em fazer dela um registro do estado do português escrito e falado pelas pessoas cultas da época em que foi elaborada (1923).

Quanto à identificação da opinião de Celso Cunha no que se refere à colocação pronominal, podemos apontar que se fixa no padrão-culto, mas identifica alguma utilização de pronome de acordo com o uso brasileiro. Ele faz uma crítica na sua obra “Língua Portuguesa e realidade brasileira”, postulando questões da “língua brasileira” que se resumem, na década de 80 e ainda hoje, na luta contra as regras inflexíveis dos puristas, dos gramáticos retrógrados sempre contrários a inovações que negavam as formas lingüísticas exigidas pela vida quotidiana.

Celso Cunha reconhece que, na fala cotidiana do Brasil, é freqüente o uso do pronome ele (a) em frases como: “**Vi ele**”, “**Cumprimenta ela**” e acrescenta que, embora essa construção já fosse observada nos trovadores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser evitada na ocasião da publicação de sua obra e podemos afirmar que, ainda hoje, tal postura é desabonada em se tratando de norma padrão-culto.

No que se refere às categorias que pautaram nossas análises, reconhecemos aspectos da brasilidade nas três obras analisadas, isto é, **na primeira**, *Gramatiquinha*, temos Mário de Andrade sempre defensor do uso brasileiro, acreditando que o importante era agir e exprimir-se naturalmente como brasileiro sem ter, obrigatoriamente, que ignorar os ensinamentos de Portugal. Queria mostrar para o seu povo um estilo novo, pretendia identificar a língua humana como a língua geral, aquela que todos os brasileiros pudessem falar etc.

Verificamos que Mario de Andrade estudou obras de lingüistas estrangeiros e brasileiros, mas os lingüistas que mais se destacaram no Brasil para o escritor foram: Mário Barreto, Amadeu Amaral e João Ribeiro. Destes, elencamos alguns exemplos que são autênticos Brasileirismos: a) Mario Barreto com expressões: “**Chamar de fera**”, “**Limpar em**”, “**Assoar em**”, “**limpar a**”; b) Amadeu Amaral com palavras: “**adonde**”, “**azabumbado**,”; c) João Ribeiro com frases: “**Me diga...**”, “**Me faça o favor...**”, sobre as quais afirma que esse modo de dizer é suave; ao passo que “**Diga-me**” e o “**Faça-me**” são duros e imperativos.

Na segunda, a de Said Ali, observamos o uso brasileiro na obra “Dificuldades da Língua Portuguesa”, em que trata *do infinitivo pessoal ou verbos sem sujeito* sob uma perspectiva psicológica. Para ele, o elemento psicológico é um fator importantíssimo no que se refere às alterações da linguagem, podendo-se assim evitar a tortura das regras fixas.

Na terceira, a de Celso e Lindley, verificamos no Prefácio da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, elaborada em 1985 (2ª edição) pelo português Lindley Cintra e pelo brasileiro Celso Cunha, conforme SCHEI (2003, p.58) que se pretendia descrever o português da época na sua forma culta, isto é, a língua dos escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo em diante, mas principalmente a linguagem dos autores mais “atuais” e acrescentava-se que não haveria descuidos em relação aos fatos da linguagem coloquial. Com relação à colocação dos pronomes, os escritores identificam que a norma portuguesa e a brasileira às vezes são divergentes. Vejamos o exemplo: “Você me anda gastando o tempo com falatórios!” (G. Ramos, SB). Para Celso Cunha (1972, p.301) o pronome **me** não desempenha função sintática alguma. Trata-se de um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita. O escritor denomina o uso do pronome **me** conforme exemplo, como **pronome de interesse** e é de uso freqüente na língua coloquial.

Reconhecemos também que, quanto aos aspectos lingüístico-gramaticais da abordagem pronominal, os três autores se pautam na norma culta em relação à sua própria maneira de redigir e apresentam os pronomes de acordo com a língua de prestígio, havendo as seguintes peculiaridades: Mario de Andrade escrevia utilizando concomitantemente os pronomes concorde o uso brasileiro e a norma padrão-culto segundo os paradigmas da época. Isto pôde ser verificado no índice de seu projeto *Gramatiquinha*.

Said Ali, por sua vez, reconhece as diferenças entre o português brasileiro e o europeu, enfatizando o seu uso com prevalência do uso da norma padrão-culto. Já, Celso Cunha identifica, como já mencionado, que o uso do pronome brasileiro vinha sendo empregado nos séculos XIII e XIV pelos trovadores portugueses. Contudo, adverte que esse uso deve ser evitado.

A partir desses resultados, apresentamos as nossas reflexões em torno do uso da língua portuguesa no século XX, de 1920 a 1985.

Todas as considerações, feitas em maior ou menor grau, voltaram-se para o uso padrão culto, apontando para as diferenças já existentes entre o português europeu o português brasileiro. Essas diferenças foram marcadas pelas características brasileiras referentes à miscigenação de raças por ocasião da colonização neste país, acrescidas das várias imigrações ocorridas no século XX, em que italianos, espanhóis, japoneses, alemães e outras gentes de outras nacionalidades influenciaram o português brasileiro presente em todos os estados que compõem o país nos seus oito milhões de quilômetros.

Nossas variantes regionais, já apontadas, principalmente, por Mário de Andrade na obra analisada, são de uma riqueza incontestável, mas não impedem a interação entre todos os brasileiros de Norte a Sul e de Leste a Oeste.

Podemos concluir, então, que, apesar das variantes registradas no Brasil, prevalece e continua prevalecendo uma norma padrão-culto que é a língua exemplar, buscada pela escola e que apresenta também variações de uso de acordo com a cultura de cada brasileiro. Assim, seguindo a tradição, os autores analisados por meio de suas obras registraram a norma padrão-culto e suas variantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, Manuel Said. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 6ªed. Rio de Janeiro. Ed.Livraria Acadêmica. 1966.

ALI, Manuel Said. *Gramática Elementar da Língua Portuguesa*. 8ªed. São Paulo. Editora Melhoramentos. 1965.

ALI, Manuel Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 8ªed. São Paulo. Editora Melhoramentos. 2001.

ALI, Manuel Said. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 7ª ed. São Paulo Editora edições melhoramentos: 1966.

ALI, Manuel Said. *Investigações Filológicas*. 3ªed. Rio de Janeiro. Editora Lucerna. 2006.

ALI, Manuel Said. *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora Organizações Simões. 1951.

ALMEIDA, Almério Antonio. *A Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira: um estudo historiográfico. Dissertação de Mestrado. PUC/SP: 2004.

ALTMANN, Cristina. *A Pesquisa Lingüística no Brasil*. São Paulo. Editora Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1998.

AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo. Editora Anhembi Ltda.1955.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. 6ªed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia.2002.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Música Brasileira*. 2ª ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. Brasília-DF. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1975.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. 14ª ed. São Paulo Editora Livraria Martins Editora. 1977.

ANDRADE, Mário de. *O baile das quatro artes*. 3ª ed. São Paulo Editora Livraria Martins Fontes. Brasília-DF. Instituto Nacional do Livro. 1975.

ANDRADE, Mário de. *O Empalhador de Passarinho*. 4ª ed. Belo Horizonte. Editora Itatiaia. 2002.

ANDRADE, Mário de. *Obra Imatura*. 2ª ed. São Paulo. Editora Livraria Martins Editora. 1972.

ANDRADE, Mário de. *Pequena História da Música*. São Paulo Editora Livraria Martins. 1944

ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo. Livraria Duas Cidades. 1976

ANDRADE, Mário. *O Banquete*. 2ªed. São Paulo. Editora Duas Cidades. 1989.

ANDRADE, Mário. *Os Compositores e a Língua Nacional*. Separata dos Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada. Departamento de Cultura. São Paulo. 1938.

ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. 3ªed. São Paulo. Editora Livraria Martins Editora S.A. 1972.

ARRUDA, José Jobson de A. PILETTI, Nelson. *Toda a História*. 4ª ed. São Paulo. Editora Ática 1996.

BARRETO, Mário. *Através do Dicionário e da Gramática*. 3ªed. Rio de Janeiro. Editora Da Organização Simões. 1954.

BASTOS, Neusa Barbosa, PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada I*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Editora Lucerna. 2004.

BASTOS, Neusa Barbosa, PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada II*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Editora Lucerna. 2006.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?*. 1ªed. São Paulo. Editora Ática. 1985.

BESSELAAR, José Van Den. *Introdução aos Estudos Históricos*, 4ª ed. São Paulo, Editora E.P.U. 1974.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. 9ª ed. São Paulo. Editora Brasiliense. 2005.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. 1ª ed. São Paulo. Editora UNESP. 1997

CABRAL, Leonor Scliar. *As Idéias Lingüísticas de Mário de Andrade*. Editora UFSC. 1986

CÂNDIDO, Antônio. *Modernismo presença da literatura brasileira*.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A implantação da Língua Portuguesa no Brasil do século XVI*. 1ª ed. São Paulo. Editora Educ. 2005.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A implantação da Língua Portuguesa no Brasil do século XVI: Um percurso Historiográfico*. Tese de Doutorado PUC-SP. 2001.

CLERQ, Jean de; SWIGGERS, Pierre, “L’Histoire de la Linguistique: ‘L’autre histoire’ et l’histoire d’une histoire”. *New Fragen der Linguistik*, ed Por Elizabeth Feldbush, Reiner Pogarell e Cornelia Weiss. pp 15-21. Tübingen: max Niemeyer Verlag, 1991

COSTA, Marta Morais da et. alii. *Estudos sobre o Modernismo brasileiro*. Curitiba-PR. Editora Criar edições Ltda. 1982.

CUNHA, Celso. *A Questão da Norma Culta Brasileira*. Rio de Janeiro. Editora Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1985.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Fename. 1972.

CUNHA, Celso. *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro. Editora Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1968.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luiz F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira SA. 1985.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade Por Ele Mesmo*. 2ª ed. São Paulo. Editora Hucitec. 1975.

FACCINA, Rosemeire Leão da Silva. *Políticas Lingüísticas: Normatização do Ensino de Língua Portuguesa no século XX*. Tese de Doutorado PUC-SP. 2002.

GOMES, José Maria Barbosa. *Mário de Andrade e a revolução da linguagem (a "Gramatiquinha" da fala brasileira)*. João Pessoa - PB. Editora Universitária. UFPB: 1979.

HANNA, Vera Lucia Harabagi. *Aspectos Culturais e Lingüísticos da "Londonização" do Brasil no século XIX: O hibridismo cultural em João do Rio*". Tese de doutorado PUC/SP 2006.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em Historiografia Lingüísticas*. Tradução: Cristina Altmann. In *Revista da ANPOLL*, Nº. 2 1993.

KUNH, Thomas S. *A Estrutura da Revoluções Científicas*. 5ª ed. São Paulo, Editora Perspectivas, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ª ed. Campinas, SP Editora Unicamp. 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Introdução à Lingüística*. 1ªed. São Paulo. Editora Gradiva. 1997.

MENDES, Maria de Fátima. *Estruturação da Frase do Português Brasileiro em Monteiro Lobato e Ruth Rocha: Um estudo historiográfico*. Dissertação de Mestrado da PUC/SP. 2004.

MORAES, Marcos Antonio. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo. Editora Edusp/IEB. 2000.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. (org.) *A Historiografia lingüística: rumos possíveis*. São Paulo. Editora Edições Pulsar. 2005.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva – Curso Superior*. 102ªed, São Paulo, Editora Companhia Editora Nacional, 1957

PINTO, Edith Pimentel. *A "Gramatiquinha" de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo. Editora Duas Cidades. 1990.

PINTO, Edith Pimentel. *A Língua do Brasil*. 2ª ed. São Paulo. Editora Ática. 1992.

PINTO, Edith Pimentel. *História da Língua Portuguesa Século XIX*. São Paulo. Editora Ática: 1988.

PINTO, Edith Pimentel. *História da Língua Portuguesa Século XX*. São Paulo. Editora Ática: 1988.

PRETTI, Dino (org) *Fala e Escrita em questão*. 2ªed. São Paulo. Editora Humanitas FFLCH/USP. 2001. Artigo "Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias: pg.57-77.

RIBEIRO, João. *A língua nacional e outros estudos lingüísticos*. 3ªed. RJ. Editora Vozes. Petrópolis-RJ. 1979.

RODRIGUES, A Medina at alii *Antologia da Literatura Brasileira*. São Paulo. Editora Marco Editorial. 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 12ªed. São Paulo. Editora Edições Afrontamento. 2001.

SCHEI, Ane. *A Colocação pronominal do português brasileiro*. 2ªed. São Paulo. Ed. Humanitas. 2003.

SILVA, Antônio de Jesus da. *Um escritor apesar de si-mesmo: estudo dos contos de Mário de Andrade*. Dissertação de Mestrado PUC-SP, 1982.

SILVEIRA, Sousa. *Lições de Português*". 6ª ed. RJ. Ed. Livros de Portugal. Rio de Janeiro .1960.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Turista Aprendiz*. São Paulo. Editora Duas Cidades, 1979.

SOUZA, Paulo Renato. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol.2 Língua Portuguesa. Brasília. MEC. 1977.

VELLOSO, Mônica. *Que Cara tem o Brasil?* . Rio de Janeiro. Editora Ediouro. 2000.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da lingüística*. 4ª ed. São Paulo. Editora Parábola. 2002.